UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ENTRE O BRASIL E A EUROPA: CIÊNCIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE EM PEDRO AMÉRICO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

IARA FERREIRA DO NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE
AGOSTO/2018.

ENTRE O BRASIL E A EUROPA: CIÊNCIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE EM PEDRO AMÉRICO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.

IARA FERREIRA DO NASCIMENTO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima

Campina Grande

2018

N244e Nascimento, Iara Ferreira do.
Entre o Brasil e a Europa : Ciência, História e Sociedade em Pedro Américo na segunda metade do século XIX / Iara Ferreira do Nascimento. – Campina Grande, 2018.
68 f.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima".
Referências.

1. História. 2. Pedro Américo. 3. Ciência. 4. Sociedade. I. Lima, Luciano Mendonça de. II. Título.

CDU 930(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA DILENE DE FÁTIMA DE LIMA PAULO (CRB - 15/48)

IARA FERREIRA DO NASCIMENTO

ENTRE O BRASIL E A EUROPA: CIÊNCIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE EM PEDRO AMÉRICO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Monografia Avaliada em 09/08/2018 com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima
Orientador (a)

Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires
Examinador (a)

Me. Pedro Nicácio Souto
Examinador (a)

Dedico este trabalho a minha "vó" Maria Ferreira dos Santos (*in memorian*) e a minha mãe Maria do Socorro Ferreira dos Santos por todo amor, incentivo e apoio ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Tenho convicção que não chegamos a lugar nenhum sozinho. Nada é mais nobre do que reconhecer a importante ajuda que recebemos. Por isso, venho agradecer aqueles que deram o suporte para que este trabalho se tornasse realidade. Primeiramente agradeço a Deus, que me proporcionou viver esse momento. Agradeço aquela que é meu alicerce e responsável pelo lugar que me encontro hoje, minha mãe Maria do Socorro Ferreira dos Santos. Uma mulher guerreira e que me ensinou a ser honesta, humilde e a lutar pelos meus sonhos. Não apenas ela, mas também, a minha tia Marlene Ferreira. Ao longo dessa caminhada me amparam, incentivaram e confiaram no meu potencial. Meus irmãos Joseilton Ferreira e Rackel Ferreira obrigado por estarem ao meu lado todo o tempo.

Deixo aqui meu obrigado a Universidade Federal de Campina Grande, que possibilitou a consolidação de um sonho. O suporte intelectual foi de suma importância para a concretização deste trabalho. Agradeço ao meu orientador, Dr. Luciano Mendonça de Lima, que comprou esta briga junto comigo. As orientações, a disponibilidade para ajudar ao longo da pesquisa e execução do trabalho foram de suma importância para minha formação. Além disso, aprendi muito como ser humano. Estendo meus agradecimentos a todo o corpo docente e de funcionários da Unidade Acadêmica de História, pelos ensinamentos e assistência.

Por último, mas não menos importante, aos meus amigos deixo aqui meu muito obrigada. Pessoas que me levantaram quando pensei em desistir, animaram meus dias e confiaram em mim. Toda minha gratidão, vocês possuem parte neste trabalho. Sem a presença destas pessoas nada disso seria possível.

NASCIMENTO, Iara Ferreira do. **Entre o Brasil e a Europa:** ciência, história e sociedade em Pedro Américo na segunda metade do século XIX. Monografia (Graduação). Campina Grande: UFCG, 2018.

RESUMO

ENTRE O BRASIL E A EUROPA: CIÊNCIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE EM PEDRO AMÉRICO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

O presente trabalho analisa as ideias produzidas por Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), na obra "As ciência e os sistemas: questões de história e filosofia natural" sobre o método científico do século XIX, com ênfase no racionalismo, empirismo, observação e experimentação. Para isso, nosso estudo debate, uma tradução da obra, biografias publicadas sobre o autor e textos teóricos sobre o período a ser estudado, a fim de estabelecer um panorama dos acontecimentos na terra natal (Areia-PB) do autor, no Brasil e na Europa. Com base nestas fontes procuramos problematizar a produção das ideias científicas propostas por ele com o campo social, numa conjuntura em que o movimento dos "homens da ciência" brasileiro discutia uma reforma no cenário da consciência do país, baseados no positivismo, spencerismo e o darwinismo, a fim de modificar a política, economia e social. Para examinarmos a fonte, lançamos mão de um pressuposto metodológico que conversa com a ótica teórica da História das Ideias, principalmente com Karl Marx e Friedrich Engels com quem partimos do conceito de materialismo e fabricação das ideias. Além disso, dialogamos com a perspectiva do campo da história social, político e as relações clientelismo e patronagem, que tem olhado para estes temas do pressuposto do homem natural e social.

Palavras-chave: História. Pedro Américo. Ciência. Sociedade.

ABSTRACT

BETWEEN BRAZIL AND A EUROPE: SCIENCE, HISTORY AND SOCIETY IN PEDRO AMÉRICO IN THE HALF OF THE 21TH CENTURY

The present work analyzes the ideas produced by Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), in the work "The sciences and systems: questions of history and natural philosophy" on the scientific method of the nineteenth century, with emphasis on rationalism, empiricism , observation and experimentation. Therefore, our study discusses a translation of the work, biographies published about the author and theoretical texts about the period to be studied, in order to establish a panorama of the events in the native land (Areia-PB) of the author in Brazil and in Europe. Based on these sources, we sought to problematize the production of the scientific ideas he proposed with the social field, in a context in which the Brazilian "men of science" movement was discussing a reform in the country's consciousness scenario, based on Positivism, Spencerism and Darwinism , in order to change politics, economy and social. In order to examine the source, we use a methodological assumption that talks to the theoretical perspective of the History of Ideas, especially with Karl Marx and Friedrich Engels with whom we start from the concept of materialism and the fabrication of ideas. In addition, we dialogue with the perspective of the field of social history, political, and clientelism and patronage relations, which has looked at these themes from the assumption of natural and social man.

Key words: History. Pedro Américo. Science. Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I – "UM BANDO DE IDEIAS NOVAS": A INTERAÇÃO DA ELITE INTELECTUAL BRASILEIRA NO CENÁRIO SÓCIO-POLÍTICO DO SÉCULO XIX . 16

CAPÍTULO II – "UM ESPÍRITO CURIOSO E INVESTIGADOR": UM OLHAR SOBRE A TRAJETÓRIA DE PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO (1843-1905) NO CAMPO DA CIÊNCIA..... 29

CAPÍTULO III – "AOS MEUS COMPATRIOTAS": A IDEIA CIENTÍFICA PRODUZIDA POR PEDRO AMÉRICO 49

CONSIDERAÇÕES FINAIS 61

REFERÊNCIAS..... 65

INTRODUÇÃO

Ao longo da trajetória de formação de um historiador, nos é apresentada uma gama de possibilidades de pesquisa. Podendo ser comparado a um grande baú, que traz em seu interior uma gama de itens, que com suas especificidades e formas contam uma história. Assim são as fontes históricas para o historiador. Para escolher seu objeto de pesquisa, a fonte ou as fontes que serão utilizadas, requer afinidade, curiosidade e interação. Construímos pesquisas que estão ligadas às nossas influências internas e externas do nosso meio. Para isso temos a possibilidade de trabalhar com: tradicionais, iconográficas, materiais, orais e etc. (BARROS, 2012). Demonstrando que tudo que é produzido pelo homem ou uma sociedade é passível de estudo. Em vista disso, resolvemos trabalhar com as informações, especificidades e construções de ideias presentes em uma produção acadêmica, datada de 1869.

Antes de adentrarmos nos detalhes que serão problematizados, necessitamos entender mais sobre esta produção do século XIX que dará base para nosso trabalho. Elaborada pelo pintor areiense Pedro Américo de Figueiredo e Melo, na região de Bruxelas, localizada na Bélgica. Na ocasião de sua escrita o autor estava interessado na obtenção do grau de professor doutor adjunto da Universidade Livre de Bruxelas. A tese foi produzida na língua francesa, sob o titulo de "La Science et les Systèmes, questions d'Histoire et de Philosophie Naturelle" (A Ciência e os Sistemas, questões de História e Filosofia Natural). O autor defendeu a tese do dia 13 de janeiro do mesmo ano de publicação. A publicação desse material aqui no Brasil ocorreu no ano de 1999, em colaboração com o projeto Coleção Nordestina, pela Editora Universitária UFPB (Universidade Federal da Paraíba). Sendo traduzida pelos professores Gabriel Alves Oliveira e Maria de Guadalupe Melo Coutinho.

A publicação brasileira é uma tradução da obra original, porém está versão conta com uma apresentação de José Flávio da Silva e Silvano Alves Bezerra da Silva. Contendo informações sobre a vida e trajetória de produções do autor, bem como uma síntese dos temas que são abordados por Pedro Américo ao longo da sua tese. Apresentando uma imagem dele para o leitor. Segundo José Flávio da Silva na sua apresentação, o escritor paraibano e areiense Horácio de Almeida

declarou que poucas eram as prateleiras que "ostentavam" um exemplar da presente obra. Citando apenas a biblioteca particular do Dr. Maurílio de Almeida como provida de um exemplar da produção. Porém o José Flávio relata que encontrou na terra natal do autor Pedro Américo, com o cônego Ruy Vieira (1921-2008). Que nessa época era não apenas o criador, mas também o dirigente do Museu Regional de Areia. Entre os livros expostos e pertencentes ao acervo, se encontrava um original de **"La Science et les Systemes"**. Tornando possível a publicação que foi utilizada como fonte da atual pesquisa.

Neste ano a tese completou 149 anos desde a sua publicação em Bruxelas. Apesar de todo esse tempo, as análises contidas nela ainda são pouco conhecidas. Assim como, o lado que o autor Pedro Américo transparece em seu trabalho como cientista do século XIX. Foi então que em uma reunião com o orientador Dr. Luciano Mendonça, ele apresentou o presente material, que até então me era desconhecido. Apesar de ter nascido e crescido na mesma cidade que Pedro Américo, desconhecia seu enveredamento pelo campo da ciência. Bem como, toda a influência dos acontecimentos macros da história sobre sua vida. Para a visão de muitos o seu nome é sinônimo dos seus dotes artísticos, consolidados na sociedade oitocentista. Frente destas questões decidimos ler o material de forma crítica analisando a construção de suas ideias científicas e sua ligação com a conjuntura social da época. Tratando de entender que sua produção não está solta, relaciona-se com o meio sócio-político em que o autor fazia parte.

Pedro Américo compõe seus texto com bastante segurança e conhecimento sobre os sistemas e teorias que expressa. O que acarretou dificuldades, principalmente quanto à compreensão destes sistemas e diálogos expostos pelo autor, devido a sua escrita complexa, densa e rebuscada. Além de buscar entender as intenções do autor ao produzir uma tese e dedica-lá ao Imperador D. Pedro II. Mas não reconhecer o Brasil como um campo para suas ideias científicas. Em vista desses fatores, decidimos partir da temática sobre a construção e a dominação das ideias. Aprofundando as pesquisas e ligando sua visão de ciência aos fatores que permeavam a sociedade e sua trajetória. Buscando responder a problemática apresentada por ele, na abertura da tese, onde se encontra os dizeres: "Se este livro tivesse sido escrito no Brasil, faltar-lhe-ia certamente cor local, [...]." (MELO, 1999, pg. 3).

A temática, junto à problemática se liga pela perspectiva da história das ideias. Será possível trazer um novo olhar sobre o autor, sobre a obra e sobre sua relação com a sociedade brasileira. Podendo apresentar um trabalho relevante para a sociedade. Ampliando os olhares e os debates sobre o intelectual Pedro Américo de Figueiredo e Melo dentro do campo sócio-político. Lançamos o olhar de que as construções propostas pelo autor não são livres. Possuem influências internas e externas da sociedade, do tempo e de sua vivência. O que nos leva a caminhar sobre os "trilhos" do domínio metodológico do campo da história das ideias, dialogando com o momento político, social e econômico. O autor José D'Assunção Barros (2012), relata que examinamos as ideias relacionadas ao pensamento sistematizado de indivíduos específicos, movimentos literários ou filosóficos e, opiniões sobre determinadas ideias específicas. O que nos leva a crer que, debruçar-se sobre este domínio é caminhar junto com todo o contexto que permeia essas ideias e seu autor. As ideias vão muito além de um simples reflexo da realidade.

A construção do pensamento está ligada às experiências, as ideias transmitidas, ao coletivo, a determinações já estabelecidas historicamente. Assim, para o olhar do historiador um texto como este de Pedro Américo é um caminho de dimensões e camadas a serem explorados e relacionados a fatores presentes na história. Segundo Falcon (1998), devemos ver "como as ideias significam, se articulam umas às outras, são transmitidas ou recebidas" (FALCON *apud* OLIVEIRA, 2015, pg. 8). Assim as ideias não são elementos soltos e desprendidos, "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência." (MARX *apud* SOUZA; DOMINGUES, 2009). A maneira de viver do individuo, vai influenciar seu pensamento, logo suas ideias recebem essa carga de interferência.

Sendo assim determinamos, que seria necessário a construção de três capítulos para abordar as frentes pesquisadas, objetivando o entendimento não apenas das ideias, mas o sócio-político e o próprio autor. No primeiro capítulo trabalharemos as relações sócio-políticas que cercaram o movimento intelectual brasileiro. Montando um panorama sobre a sociedade brasileira no século XIX, em conjunto com o entendimento do conceito de ciência. Analisando a conjuntura política, social e as relações das ideias que estavam ganhando espaço e adeptos. Compreendendo o momento que o Brasil estava passando nesse período, era de

formação de uma identidade nacional. Ainda adepto de uma sociedade escravista. Com intelectuais que em grande parte estavam inseridos no campo político e na elite oligárquica.

As relações sociais e as redes de favores influenciavam nas ideias que estava sendo construídas, embasadas naquelas advindas da Europa. Aqui temos a relação dos intelectuais com o clientelismo e a patronagem. Estabelecendo uma análise das ideias, dentre elas: o positivismo, o evolucionismo de Darwin e o spencerismo. A interação desses intelectuais com a implementação e divulgação de uma liberdade e uma nova política. Na tentativa de compreendermos tal conjuntura, contamos com livros que tratam não apenas do movimento intelectual, mas também sobre a construção da sociedade, das ideias e do campo político. Dialogando com os autores: Renato Ortiz (2012), Emília Viotti (2007), Angela Alonso (2002), Silvio Romero (2001), Lilia Mortiz Schwarcz (1993) e Alfredo Bosi (1992), como referências bibliográficas para compreender a conjuntura social e política. De cada um retirarmos debates que contribuíram para compor nosso panorama sobre o Brasil.

No caso da autora Alonso (2002), seu debate se entrelaça com o movimento intelectual e o campo político. Mostrando que não podemos entender os intelectuais e suas ideias sem ter em mente o contexto político. O que vai nos guiar a ver a fabricação das ideias por estes "homens da ciência". Que buscavam meios de justificar e legitimar fatores que estavam nas raízes históricas brasileiras. Um panorama macro do contexto sócio-político influencia Pedro Américo na sua produção. Viotti (2007), Romero (2001), que trazem para nosso debate a conjuntura da construção da identidade nacional. Porém, um ponto aparece nos debates de todos, a questão racial. A partir de tais debates, construímos um panorama, que se relaciona com o capítulo seguinte. Ao montarmos esse plano de fundo sobre as ideias que aqui se estabeleciam, sua utilização e seu reflexo nas relações sociais, trazemos um eixo para Pedro Américo. A relação entre esse micro e macro, vai ser importante no desenvolvimento da apreciação do capítulo três.

No segundo capítulo buscamos construir um novo olhar do perfil biográfico do autor Pedro Américo. Visando situar o autor no tempo e sociedade que foi abordado no capítulo anterior. Não apenas isso, mas trabalhar a imagem que foi sendo concebida pelos autores que o biografaram. Dentre os textos apreciados, como

auxiliadores da compreensão da imagem, da vida e formação intelectual do autor encontramos: Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) - Donato Melo Júnior; Pedro Américo: um artista brasileiro do século XIX - Madalena Zaccara; Um Millionario de Glorias: noticia biographica - J. M. Cardoso de Oliveira; Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano - Horácio de Almeida; As cores do Brasil Imperial - Lúcio Flávio Vasconcelos (2016). Destacando trechos sobre sua vida, suas relações sócio-políticas e seu caminho até a formação em ciência e a produção da tese "**"La Science et les Systemes".**

Umas das dificuldades, ou melhor, dos desafios de se trabalhar com textos biográficos é compreender que cada um deles foi construído num tempo, num determinado momento e com uma intenção. Por exemplo, o livro escrito por Horácio de Almeida, já apresenta de cara, que sua intenção é mostrar não apenas a trajetória do pintor. Mas enaltecer a região de Areia, terra natal do pintor, por conseguinte o Estado da Paraíba. Amarrar ao nome de Pedro Américo estas localidades dando destaque a elas. No caso da nota escrita pelo J. M. Cardoso de Oliveira foi escrita para compor um livro intitulado *O Foragido* de autoria de Pedro Américo. Além disso, Oliveira era seu genro, o que fica visível quando o autor o enaltece a categoria de mito heroico. Em alguns momentos deste segundo capítulo encontraremos passagens desses autores, em que é possível perceber o enaltecimento exacerbado, os elogios fáceis e descabíveis em alguns momentos.

Para não cairmos na "[...] ideologia do tempo que impregnava a documentação, em que elogios fáceis e laudatórios sem fim [...]." (GAUDÊNCIO, 2007, pg. 14). Tratamos de contrapor os relatos com textos sobre o período, que demonstram que as circunstâncias que se apresentaram na vida não são meras oportunidades e decisões apenas do próprio Américo. Mas possuem ligação com um tipo de práticas que estavam presentes na sociedade do século XIX, a patronagem, o clientelismo e o agenciamento. Mesmo não sendo o foco central do nosso trabalho, conseguimos construir um novo olhar sobre sua trajetória e como ele se beneficiou desse sistema. Alcançando não apenas o cargo de pintor do Império, mas outras regalias que são mostradas ao longo do texto. Desmistificando um pouco a imagem construída pelas biografias.

Seguindo este fluxo que o domínio historiográfico da História das Ideias nos possibilita, do diálogo entre os campos do social e político. Essas pequenas referências treinam os olhos do historiador na compreensão das ideias que estão sendo pesquisadas. O caminho que construímos vai nos mostrar que cada uma das atitudes, oportunidades e relações que marcaram a vida do nosso autor encaminham a sua produção de ideias. É nesta perspectiva que nos encaminhamos para o que pode ser considerado como foco principal do presente trabalho. Onde utilizaremos trechos da nossa fonte para compor em conjunto com os debates que se encaminharam nos capítulos anteriores. Aqui teremos "A Ciência e os Sistemas, questões de História e Filosofia Natural" revelando uma parte das suas especificidades.

No terceiro capítulo, conduziremos a pesquisa por dentro da problemática que foi proposta. Primeiramente trataremos de destacar o trecho em que encontramos a questão que direciona nossa análise. Que será apreciada em conjunto com os autores: Marx e Engels (2010), Lúcio Flávio Vasconcelos (2016), Emília Viotti (2007), Angela Alonso (2002) e Silvio Romero (1878). Trazemos os autores Marx e Engels (2010), como parâmetro de ligação sobre o materialismo histórico e a discussão sobre as ideias não estarem soltas no mundo. Expondo um debate com a problemática que abre o texto do capítulo. Destacaremos a questão da cosmovisão e como esta pode ser ligada as ideias desenvolvidas por Pedro Américo. Para compor nossa hipótese utilizaremos Viotti (2007), Alonso (2002) e Vasconcelos (2016), para amarrar a produção de ideias presentes na obra com o universo das relações da sociedade brasileira e europeia.

Mostrando que suas razões com uma tese ligada ao racionalismo e a busca por uma abstração total do meio, ia além da simples discordância. Possuía relação com fatores que serão expostos nos capítulos anteriores. Partes da obra serão utilizadas para expor a hipótese que está sendo construída. Ao longo da pesquisa, desde o primeiro contato com a obra buscamos por trabalhos que tivessem debatido as informações presentes na obra "A ciência e os sistemas". Seja para nos auxiliar ou para utilizarmos de forma crítica. Assim, também teríamos um maior número de recursos para compreender a constituição das suas teorias. Conseguimos encontrar os trabalhos: "A Philosophia no Brasil: ensaio critico" - Dr. Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1878); A arte como princípio educativo: uma nova leitura

biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo - Francisca Argentina Gois Barros (2006, Universidade Federal do Ceará). Temos conhecimento da existência de um outro trabalho intitulado *"Studi Filosofici Sulle Belle Arti"*, da italiana Carolina Invernizio, escrito no ano de 1877. Porém não tivemos acesso, por não tê-lo encontrado disponível. Dentre esses utilizamos a crítica desenvolvida por Sílvio Romero (1818), que foi utilizado em momentos estratégicos do terceiro capítulo.

No caso do de Francisca Argentina (2006), acabamos tendo acesso num tempo muito curto. O que nos impossibilitou de ler em sua totalidade, avaliando as críticas e o caminho que autora resolveu seguir. Por isso, resolvemos não encaixá-lo no nosso texto. Podemos definir que isso acabou por ser uma dificuldade. Sendo assim, mantivemos os teóricos e obras que já estavam em nossas mãos. Assim, voltemos ao debate, após trabalhar as relações com a cosmovisão. Vamos buscar os eixos das ideias que estavam no Brasil e na Europa, a fim de trilhar uma hipótese que responda nossa problemática. Sem deixar de lado a visão que o nosso autor deseja não apenas para o campo intelectual brasileiro, mas também para o campo da ciência. Bem como, a forma que o autor justifica seu ponto de vista sobre uma ciência o mais racional possível. Além de como as presenças dessas ideias iam de encontro com as relações e o campo intelectual que ele estava inserido.

Assim, deixamos agora a cargo do leitor embarcar nos questionamentos que propomos sobre o autor Pedro Américo de Figueiredo e Melo revelados na sua produção. Antes que entremos nesse "universo", deixamos aqui um adendo. O presente trabalho pode ser visto como um pioneiro, que buscar resgatar e mostrar uma nova face do até então conhecido pintor, Pedro Américo. No meio acadêmico da própria instituição, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Paraíba, é possível notar que poucos são os trabalhos que se voltaram para o personagem Pedro Américo como um homem, um ser social. Tratamos de olhar o homem Pedro Américo de Figueiredo e Melo, como um ser que participou dos mecanismos que a sociedade do século XIX tinha a lhe oferecer. Mostrando que por trás do mito está todo um cenário e uma conjuntura social e política. Trazendo ele para o campo dos indivíduos sociais, deixando de lado a visão heroica

Tal como, tratar de reavivar e expor para quem desejar, a obra "La Science et les Systèmes, questions d'Histoire et de Philosophie Naturelle" (A Ciência e os

Sistemas, questões de História e Filosofia Natura). Que ainda é bastante desconhecida por parte não apenas dos conterrâneos do autor, mais também por parte dos membros da academia. Ao tratarmos com essa fonte, notamos a necessidade cada vez mais latente de difundir tal obra. Tal como, trazer para campo um novo olhar sobre o autor. Além da aproximação das ideias com as experiências vividas pelos indivíduos.

CAPÍTULO I – "UM BANDO DE IDEIAS NOVAS": A INTERAÇÃO DA ELITE INTELECTUAL BRASILEIRA NO CENÁRIO SÓCIO-POLÍTICO DO SÉCULO XIX.

O movimento intelectual no período do século XIX foi acompanhado de transformações. Segundo a autora Angela Alonso (2002) o campo intelectual estava interligado ao campo político. Por sua vez, mudanças dentro do campo da ciência alteravam a forma de comportamento dos intelectuais da época. Para pensarmos esse momento no Brasil, precisamos levar em consideração a conjuntura e suas implicações social e política. Assim como, entender o significado do conceito de ciência em prol da sua utilização no meio intelectual oitocentista. Portanto:

> A ciência pode ser entendida tanto como o processo de investigação para se chegar ao conhecimento quanto como o conjunto de conhecimentos construído com base na observação empírica do meio natural e social, que tem como finalidade fornecer fundamentos que permitam à humanidade viver mais e melhor no mundo que a cerca. (SILVA; SILVA, 2009, pg. 55).

Observamos que a ciência é uma busca por entender e responder os questionamentos colocados pelo *homem*. Em vista disso, construímos o panorama que no século XIX, existiu uma corrida por conceber teorias sobre a relação homem e sociedade. Que será o ponto focal da ciência constituída no século XIX.[1] As transformações ao longo desse período tinham suas raízes nas ciências naturais. Encaminhando para um cientificismo dogmático, que estivesse separado da religião e da metafísica. Até que o campo científico alcançasse o seu apogeu, as mudanças ocorridas nos séculos XVI até o XVIII foram de suma importância. Podemos estabelecer que as teorias científicas pregavam o esclarecimento da humanidade. O meio natural seria o fio condutor para entender o questionamentos humanos. Tais convicções derivam de raízes históricas, que refletem no despertar dessas ideias. Trazendo em sua trajetória fatores sociais, políticos e econômicos.

A vista disso, temos a sociedade brasileira, que recebia um "bando de ideias novas" principalmente oriundas da Europa. Que se enquadrava na principal fonte de

---

[1]O autor John Henry analisa a ciência desse período, chamando de "Revolução Científica". Observando os séculos XVI a XVIII, segundo sua análise os historiadores enxergam nesse espaço de tempo mudanças significativas, no que se refere à reformulação de fundamentos conceituais, metodológicos e institucionais da ciência moderna europeia. Demonstrando também os filósofos naturais e a ligação com a religiosidade para suas pesquisas. Ver: HENRY, John. A revolução científica e as origens da ciência moderna. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.

inspiração para os intelectuais brasileiros.[2] Ao mencionarmos o quesito de inspiração, caímos numa discussão que permeia e ainda pode ser visto nos dias atuais, a necessidade de se igualar ao estrangeiro. Mesmo que a busca por parte dos membros da sociedade no Brasil, era consolidar uma imagem distante do território europeu. O que acabou direcionando a mudança no campo intelectual, à criação de uma identidade brasileira.[3] Renato Ortiz (2012), em sua análise nos mostra que as ideias são produzidas em diferentes momentos históricos. Contrapondo a teoria de uma identidade autêntica o autor expressa que:

> Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica em uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado. (ORTIZ, 2012, pg. 9).

Ao analisarmos a citação, percebemos que Renato Ortiz (2012) indica que as ideias refletem os interesses de um grupo específico. Comparando suas palavras com as de Marx (2010, pg. 29), constatamos que "As idéias da classe dominante são, em todas as épocas as idéias dominantes; [...]". Colocando um controle sobre a forma e o que será repassado para a população. Dando aos que dominam esse sistema, o modo de manter a organização sócio-política a seu favor. Demonstrando que a produção intelectual possui suas raízes e as marcas elitistas. A intenção por parte dos membros da elite do século XIX, era a sistematização de ideias que traduzissem o Brasil para o mundo. Nutrindo por objetivo central "a criação de uma filosofia, uma literatura e uma ciência nacional, e sua institucionalização acadêmica." (ALONSO, 2002, pg. 25).

Mas a estruturação das teorias era comandada pela elite intelectual. Ou seja, o movimento intelectual não pode ser desligado da formação social e política da época. Utilizando a análise da autora Alonso (2002), para compreender a

---

[2]"O fato de que o Brasil absorvia idéias produzidas na Europa e nos Estados Unidos alterando-as é algo largamente reconhecido pela literatura especializada. Diverge-se bastante, no entanto, sobre a natureza do processo de absorção." ALONSO, Angela. Idéias em movimento: A geração 1870 na crise do Brasil – Império. São Paulo, Paz e Terra. 2002, pg. 17.

[3] Como forma de entender a trajetória dessa construção da identidade nacional, de uma história brasileira, vale ver o texto sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Trazendo um pouco sobre a historiografia brasileira nesse primeiro momento de desenvolvimento. GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, 1988. Pg. 5-27. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1935

mobilização intelectual é necessário ter em foco a luta política. Os intelectuais descendiam de famílias da elite. Suas experiências dentro da posição social que ocupava, reflete em suas produções. Para compreensão da formação dessa elite e suas intenções, temos:

> As elites brasileiras que tomaram o poder em 1822 compunham-se de fazendeiros, comerciantes e membros de sua clientela, ligados à economia de importação e exportação e interessados na manutenção das estruturas tradicionais de produção cujas bases eram o sistema de trabalho escravo e a grande propriedade. (COSTA, 2007, pg. 11).

O círculo que cada membro constituía estava interligado a uma rede de favores. A posição social e conjunto com essa rede de relações possibilitava o intelectual da época produzir suas teorias. A produção das ideias brasileiras estava pautada nas relações sociais políticas e econômicas. Mesmo ainda se mantendo uma subordinação ao Estado. A elite intelectual buscava quebrar com os paradigmas do Império e a doutrinação religiosa. Isso não impossibilitou o pensamento brasileiro. Pois, na organização social oitocentista, para que uma pessoa tivesse uma educação e uma formação, precisa ter um poder aquisitivo. Ou ter tido um rede de agenciamento, que viabilizava a sua ascensão social. Sem um dos dois, era muito provável que os intelectuais brasileiros não tivessem o conhecimento e espaço para expor suas ideias. Reafirmando o que Alonso (2012) e Costa (2007) definiram em suas análises, de que seria difícil nos anos de 1870 separar político de intelectual.[4]

"No Brasil da segunda metade do XIX não havia um grupo social cuja atividade exclusiva fosse a produção intelectual." (ALONSO, 2002, pg. 30). Concedendo ao cenário uma busca por cargos públicos, que sobrepõem à cultura. Constituindo uma geração em que a característica em comum entre os intelectuais estava no pensamento em prol da política. Sob está ótica a própria autora Alonso (2002) chega a questionar se os intelectuais brasileiros apenas construirão obras mediantes suas posições político-ideológica.

---

[4]Se analisarmos o quadro de políticos e compararmos com os intelectuais da época, conseguiremos notar que parte deles (advogados, professores, jornalistas, médicos, etc.) acabou desempenhando um cargo político em algum momento de sua vida. Ou possuíam vinculo familiar com os políticos. Alguns não foram candidatos durante o governo imperial, mas chegaram à carreira política durante a República.

Justamente essas posições político-ideológicas que direcionaram as formas como cada frente política vai se utilizar das ideias oriundas da Europa. Mesmo com a Independência do Brasil, o país ainda trazia uma experiência colonial. Que pode ser definido como o tripé: patriarcalismo, agrarismo e escravismo. Ramificações que refletem no movimento intelectual e na construção das vertentes que utilizaram para analisar as ideias oriundas da Europa. "A comunidade política tinha dois limites: um na base, os escravos, outro no ápice, o monarca." (ALONSO, 2002, pg. 60). Podemos estabelecer que entre esses limites temos a construção dos dois partidos políticos. Sendo eles: partido conservador e partido liberal.[5] Distintos nos nomes, mas em sua formação não. Os dois eram compostos pela elite oligarquica, que se beneficiavam do sistema de clientela e patronagem. Costa (2007), avalia que a burocracia imperial foi "cabide de empregos". Expondo que as lutas políticas se definiam em termos de lutas de família e suas clientelas. De maneira que:

> O sistema político imperial foi montado para limitar o príncipe e excluir o "povo". A "opinião pública, requisitada pelo sistema representativo, designava não o conjunto dos brasileiros, mas os proprietários, restringindo o exercício da cidadania a uma elite selecionada dentre os socialmente iguais. (ALONSO, 2002, pg. 60).

Logo, apesar da elite intelectual ser contrária aos preceitos estabelecidos pelo Império. O cargo e a posição social ocorreram através da ética de favores. A parcela excluída que a autora chama atenção, era formada pela camada trabalhadora. Que neste caso eram os negros, indígenas, mestiços e população livre. Mesmo que a autora chame atenção para a construção de uma política que tinha por intenção a manutenção da escravidão, a hierarquização social-política e a posse da propriedade fundiária. Que buscou manter através dos mais diversos recursos o povo "fora da jogada" política. No entanto, detectamos trechos em que conseguimos perceber pontos de contradição sobre a posição do povo na sociedade.[6]

Supostamente seu olhar nestas passagens enxerguem que as atitudes tomadas no cenário político pelos representantes, são resultado da conjuntura já

---

[5]Para uma compreensão completa sobre a construção desses dois partidos políticos, ver o autor Ilmar Roholff de Mattos, seu livro "O tempo de Saquarema", que escreve uma analise sobre o episódio de disputa política, bem como as disputas econômicas no período que vai levar à consolidação dos liberais e dos conservadores. Suas colocações nos servem de parâmetro para entender as raízes do movimento político e econômico no período de XIX. MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1987. P. 301.

[6]Depois de articular tal análise a autora traz o trecho "O sistema representativo retirava sua legitimidade da "opinião pública", do conjunto de proprietários. O "povo" não ficava excluído. Sua representação se fazia através do *pater familia*." (Alonso, 2002, pg. 63).

firmada. Quando a realidade estava mais para a manutenção do poder dos dominantes e a hierarquia social. Sua análise, em momentos, demonstra como se o povo fosse meros telespectadores, que optaram por tal lugar. Porém, o lugar e o papel do povo estavam atados a uma ordem social, que descendia do período colonial. Podemos definir que a autora ao tratar de povo em alguns momentos da sua análise, se refere aos cidadãos. Que neste caso, são os membros da elite brasileira. A autora Costa (2007) pondera sobre a questão do povo e o papel frente a política. O que ratifica a visão que o povo não estava dentro da categoria de cidadãos. Além de mostrar que o sistema político estava definido sob meios familiares e as relações de clientela. Avaliando que:

> As relações pessoais de parentesco, clientela e patronagem e as formas autoritárias de poder geradas pelo regime de propriedade, com a conseqüente desmoralização das práticas de *self government* e a marginalização da maioria da população livre do processo político, reforçam o caráter absoluto do poder do grande proprietário rural. (COSTA, 2007, pg. 239, grifo do autor.).

A política, assim como o movimento intelectual, foi construída para ser "fortaleza" contra o povo. Um sistema em que a minoria subjugava a maioria da população. Logo se o intuito do movimento intelectual era construir uma identidade nacional, uma imagem que representasse e apresentasse o Brasil, teria que considerar essa maioria. Segundo Ortiz (2012), ao se buscar definir uma identidade autêntica, seria uma forma de dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que abarca os interesses dos diferentes grupos sociais na relação com o Estado. Frisando que o pensamento autóctone não foi descartado da produção intelectual do século XIX. Mas a sua forma de abordagem foi constituída mediante um modelo conservador. Provavelmente por ter sua base no pensamento racial europeu. A produção das ideias brasileiras se pautava na ordem sócio-política. A questão racial, por exemplo, foi sendo constituída politicamente e historicamente, até alcançar um caráter social.[7]

Quando Alonso (2012), expressa que as ideias foram importadas a Europa, ela estabelece que nem tudo vai ser colocado em foco na sociedade brasileira. Demonstrando uma seleção, frente às ideias vindas da Europa. A produção das

---

[7]"O termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise." (SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. Cia. Das Letras, 1993, pg. 17).

teorias se adapta de acordo com a sociedade em que está sendo produzida. A elite brasileira vai produzindo ideias de forma a manter as hierarquias tradicionais, a relação de poder e a hierarquização social.[8] Para não interferir nas relações sociais firmadas no sistema de favores. Os campos de produção intelectual: literatura, jornalismo, filosofia, história, tal como a produção artística beberam da hierarquização racial. Dentro da sociedade brasileira que se apresentava no XIX, sem as relações de patronagem e clientela esses intelectuais não se sustentariam. Além dessa base na categorização racista. Em paralelo ao impacto ocasionado na *intelligentsia*[9] brasileira por ela, temos a presença das teorias: positivismo de Comte, o darwinismo social, o evolucionismo de Spencer.

A junção delas projeta a produção teórica da época. Ambas tinham suas raízes de elaboração na Europa do século XIX, distintas, mas com uma confluência: a evolução histórica dos povos. No caso do evolucionismo a proposta era encontrar um vínculo entre as diversas sociedades humanas ao longo da história. Tendo em vista que "o "simples" (povos primitivos) evolui naturalmente para o mais "complexo" (sociedades ocidentais), procurava-se estabelecer as leis que presidiriam o progresso das civilizações." (ORTIZ, 2012, pg. 14-15). Quando pensado dentro do contexto político da Europa, seria a possibilidade para que a elite europeia tomasse consciência do poder que possuía frente à expansão mundial do capitalismo. Para a Europa tínhamos o parâmetro de que as leis naturais orientaram a história do povo. Como pensar tal teoria sob a ótica da sociedade brasileira? Essa era a questão que os intelectuais tinham que responder.

A *intelligentsia* precisava levar em consideração o processo civilizatório brasileiro. Que nesse período possuía um status de "inferior" em relação ao europeu. A dificuldade estava na compreensão da relação da teoria com a realidade. O

---

[8] Ver L. M. Schwarcz Op. Cit..

[9] A palavra tem sua origem na Rússia, no ano de 1860. "O termo podia representar membros que se apoiavam na razão e no conhecimento, por serem assim membros bem educados da sociedade, tomavam para si a responsabilidade por defender os interesses da nação e do povo, no caso dos Estados modernos." (PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler; ANANIAS, Mauricéia (Org.). Histórias da educação brasileira: experiências e peculiaridades. Editora UFPB, João Pessoa, 2014, pg. 87). O autor Vieira (2008) escreveu uma análise a cerca do significado de intelligentsia e intelectuais, buscando explicar o sentido, o conceito e as possibilidades dentro da história intelectual do século XIX e XX. (VIEIRA, Carlos Eduardo, Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. Revista Brasileira de História da Educação, v. 8, n° 1, 2008. Pg. 63-85).

estudo dessa ideia, necessariamente tinha que passar pelo caminho da especificidade nacional. De modo que:

> "O evolucionismo fornece à *intelligentsia* brasileira os conceitos para a compreensão desta problemática; porém, na medida em que a realidade nacional se diferencia da européia, tem-se que ela adquire no Brasil novos contornos e peculiaridades. [...] Se o evolucionismo toma possível a compreensão mais geral das sociedades humanas, é necessário porém completá-lo com outros argumentos que possibilitem o entendimento da especificidade social." (ORTIZ, 2012, pg. 15, grifo do autor).

As teorias precisavam de argumentos que as firmassem na sociedade brasileira. Essa elite intelectual vai buscar romper com parte dos cânones apresentados naquele período. Propondo ideias que compreendessem a estrutura social da época, de forma a manter a hierarquia social. De acordo com o autor Graham (1997), os políticos, que eram também os intelectuais, pretendiam alargar a rede de clientes[10] e legitimar a estrutura social. Em vista disso, mesmo os intelectuais que pregavam a ideia de liberdade e uma nova organização política, mantinham em suas raízes as ações dessa rede de favores. Inclusive as pessoas que não se originavam da camada mais alta da sociedade, atuavam em prol dos interesses da elite. A *intelligentsia* brasileira possuía laços familiares com os proprietários de terras. Quando não, tinham alcançado algum benefício. Conseguimos notar que as ideias brasileiras, em despeito de sua origem social, pretendiam legitimar com a ciência, as posições nas instituições de saber que participavam. (SCHWARCZ, 1993, pg. 24-26).

Se valendo do meio social e da formação do Brasil para explicar a economia, a política e a categorização social. Com base nas teorias da Europa, definiram uma forma de justificar a dominação estabelecida por parte dos brancos e a conjuntura que a sociedade apresentava. Para embasar seus questionamentos aproveitaram a fusão das três raças (negro, índio e branco). Que permeia grande parte das produções científicas brasileiras. Logo a política será um reflexo dessa esquematização. Como já foi mostrado, o círculo da elite intelectual está vinculado ao meio político. Precisamos entender como cada uma das teorias foi utilizada por eles. Só então será visível todo o plano de fundo. Com suas interações e intenções

---

[10]O termo foi utilizado como referência ao sistema de clientelismo, prática muito presente nas relações do século XIX. Constituindo uma trama de ligações políticas, em que reafirmava as posições de superior e inferior, através da troca de cargos públicos, proteção pessoal, nomeações de autoridades, etc.

quando estruturaram a ideia de identidade nacional do Brasil, no século XIX. Pela teoria de Herbert Spencer (1820-1903), que chegou ao Brasil por volta de 1870, o autor Silvio Romero (2001) vai definir que:

> [...] a lei de evolução, cuja fórmula mais completa é aquela que é devida ao gênio de Herbert Spencer; os que sabemos que não podem existir fatos sem antecedentes imediatos, sem a passagem de um estado homogêneo e incoerente a um estado de diferenciação e coerência, não podem admitir o milagre da existência de instituições, quatro vezes seculares, no ar, sem a menor base na vida nacional. (ROMERO, 2001, pg. 65).

Delimitando assim que as instituições, as ideias e as produções não surgem do nada. Existe a necessidade de uma interação com o âmbito nacional para direcionar a adaptação e implantação das teorias. A Europa não tinha como ser trazida em sua totalidade para dentro do Brasil. Fato que não impedia a utilização de suas teorias no âmbito brasileiro. A questão da *intelligentsia* brasileira pode ser explicada não só pela disparidade entre os grupos que disputavam o poder. Ambos buscavam a permanência do poder longe do povo, a limitação do poder do Imperador, a permanência da escravidão. A corrida por consolidar uma identidade nacional apresenta-se associada às mudanças que o país estava sofrendo. Inicialmente, o fato político da Independência do país que gera nas oligarquias a busca por mais poder e mais autonomia dentro das províncias. Um cenário que era muito rural ganhava em contraposto um processo de urbanização.

Frente às transformações sócio-políticas a elite intelectual vislumbrou a oportunidade de designar novas organizações, instituições, doutrinas e fórmulas, nos moldes dos interesses deles e dos que faziam parte da sua teia de favores. Segundo Alonso (2012), executaram uma "deformação" das teorias. O que nos leva a pensar que o problema não estava na ideia, mas nos intelectuais. Pois a intenção deles estava voltada para a consolidação de um sistema que servissem como "instrumento de ação social e política". O maior medo da elite era de uma revolução por parte das camadas baixas da sociedade. Ao produzir meios que legitimassem as atitudes e a dominação dessa parte da sociedade. Eles cercavam o povo e de certo modo controlavam suas ações. Pautado na desigualdade de classe e raça, como observa Romero (2001):

> No Brasil, onde as duas forças, a natural e a social, têm estado constantemente em ação; onde a formação do povo foi, por um lado, um resultado da burguesia, da plebe, do terceiro e do quarto estado, e onde, por outro lado, o caldeamento das três raças fundamentais tem sido imenso,

> a democratização é fatal e a monarquia é rigorosamente uma quimera. (ROMERO, 2001, pg. 74).

Retiramos da sua análise que no fundo o biológico foi sempre o nivelador da sociedade. A democratização tratada pelo autor estaria ligada a mestiçagem, produzindo a ideia de *branquidade.* Fundamentando a desigualdade sócio-política como proveniente da natureza biológica. Reafirmando a sentença de servirem como instrumento para elite. No repertório dos intelectuais encontramos ainda a base teórica do evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882). A chave da teoria era "luta pela sobrevivência" e a "seleção natural".[11] "A esta preservação das diferenças e variações individuais favoráveis, e a destruição das prejudiciais eu chamei de Seleção Natural ou Sobrevivência do mais apto." (DARWIN, 1875, pg. 40 *apud* CARMO; MARTINS, 2006, pg. 337). No contexto natural e biológico os organismos com variações biológicas conseguiam se adaptar melhor ao seu ambiente e então propagar descendentes. Já os que não dispunham da variação tinham menor chance de propagação.

No Brasil, a teoria vai legitimar a posição social que o negro e o índio ocupam na sociedade. O branco está no topo da pirâmide. Quando Romero (2001) avalia os niveladores da sociedade, definindo a mestiçagem como forma de enaltecer o contexto social e político. O mestiço é resultado da mistura de raças. Na qual, manteve as características favoráveis (branco) e eliminou o que era prejudicial à evolução (negro e o índio). A necessidade de encaixar as três raças no processo de construção nacional sem perder poder sobre as duas raças. Assim, os intelectuais firmavam seu lugar e mostravam porque eles tinham que delimitar a produção da identidade nacional. A civilidade e a "superioridade" do branco era a "salvação" para a sociedade brasileira. (SCHWARCZ, 1993). Dentro da ideia de identidade, propagar essa teoria ia manter o controle da elite sobre o povo. De maneira que, ao construir a base científica do Brasil as alianças entre as elites e seus interesses precisavam ser mantidas.

O caráter estruturador que Graham (1997) discute, de patronagem, estava envolto nas atitudes da elite intelectual. Toda uma rede de relações vindas da troca de favores, de empregos públicos, arranjos familiares e os vínculos privado e público

---

[11]Para maiores informações ver: DARWIN, Charles. A origem das espécies. Disponível em português brasileiro.

direcionava a forma que a identidade brasileira ia se constituindo. A sociedade brasileira no século XIX dependia dessas relações. Elas sustentavam a ordem social e política. No círculo que formava a *intelligentsia* brasileira havia conflitos de interesses. O funcionamento não era harmônico e perfeito. (GRAHAM, 1997). Mas os interesses não chegavam até as camadas mais baixas da população. O autor Mello Júnior (1983), destaca que o Império demonstrava interesse pelos destaques no âmbito do intelecto. Ao ajudar esses letrados, o governo imperial ganha a fidelidade da sua produção. Que no caso, estava ligado a formular teorias, literatura, pintura, filosofia e a ciência de maneira a colocar os interesses no Imperador em foco. O apadrinhamento é uma das estratégias que deu certo. Orientando as ideias desenvolvidas no período oitocentista.

A interação dos intelectuais foi marcada por justificar o lugar de cada classe na sociedade. Colocando os "óculos" do clientelismo, para trabalhar em suas teorias. Uma parte da elite defendia um liberalismo. Pregando uma ideia de liberdade que conservava seus interesses; "era um liberalismo que começava e terminava na 'liberdade do senhor'". (FLORESTAN *apud* ALONSO, 2002, pg. 16). Fabricando uma visão que mantivesse o controle sobre o povo, através da ilusão de ser livre. Quando o sistema manteria a dominação sobre a mão-de-obra da camada mais pobre da sociedade. O conflito das ideias se apresentava voltado pelos interesses particulares, de um setor agrário tradicional e um setor mais "progressista". (COSTA, 2007). A identidade nacional e a autonomia do Estado, se construíram no ideário conservador. (BOSI, 1982). Cada grupo intelectual vai manter os interesses da sua teia de relações.

Colocando uma voz no povo, que não se enquadrava nas necessidades daquela camada social. As mudanças apontadas em suas ideologias se direcionavam a um propósito referente à:

> Da posição ocupada na sociedade por esse tipo de intelectual decorre o limite de suas propostas reformistas, que raramente ultrapassam a dos setores mais progressistas da indústria, lavoura ou comércio. Daí, enfim, a ineficácia de sua atuação quando suas reivindicações ultrapassam eventualmente esses limites, quando, por exemplo, criticam o latifúndio e o capital estrangeiro ou a política de mão-de-obra. (COSTA, 2007, pg. 266).

As reformas não alcançavam a camada que a maioria da população ocupava. Compreendia que o país necessitava de uma modificação. Todavia a elite importou

e adaptou teorias que conseguissem atestar o cenário político, social e econômico que tinha se estabelecido ao longo dos anos. As teorias acabavam por legitimar um estado de exploração em detrimento das nações subdesenvolvidas. (ORTIZ, 2012). No epicentro do processo de absorção das teorias estava presente a ideia de ordem e não de liberdade. "A política era mais um produto de alianças ou rivalidades familiares do que de ideologia." (COSTA, 2007, pg. 145). As teorias avançavam sobre a trilha de uma sociedade estamental. Portanto, a ciência se direcionava para produzir mecanismos de dominar e responder as questões que afligem a humanidade. Nos parâmetros do positivismo de Auguste Comte (1798-1857), pautado nas ciências naturais; que poderia mostrar as leis para entender também a sociedade.

Baseado em: observar os fenômenos em sua interação, gerando a descoberta de leis causais e o controle que elas exercem sobre os esse acontecimentos. Para Comte, empregando os métodos usados na ciência natural, era possível a criação de leis universais ante o progresso social. Classificar o indivíduo sob uma metodologia de investigação que vai da natureza para a sociedade. Seria a consolidação da ciência longe de fatores metafísicos e teológicos. (SANTOS; SANTOS, 2012). O modelo buscava uma síntese definitiva para a sociedade humana, com leis universais que continham o paradigma de ordem. Essas leis gerenciariam a vida da humanidade rumo ao progresso da sociedade e de seus participantes. A demanda da elite intelectual brasileira por controle e ordem vai ter por base a chave do positivismo. Em que a ordem é o caminho para o progresso.

Cada uma das interações intelectuais desenvolvidas no período do século XIX pode ser entendida pela organização social. Nas palavras de Costa (2007), o sistema de patronagem e clientela consolidaram a hegemonia da elite sobre os demais grupos sociais. Avaliando ainda que, os ajustes dos princípios e fórmulas políticas da Europa, se ajustaram as necessidades dos "homens da ciência".[12] Os aspectos da ideologia liberal foram escolhidos para se adequarem a realidade e atendessem aos seus desejos. A autora mostra em sua análise, que parte dos membros do movimento intelectual purgaram os pontos radicais do liberalismo.

[12]Cf. L. M. SCHWARCZ, 1993.

Dando um teor conservador, no qual se admitia a escravidão. No caso do liberalismo radical, também teve adeptos, que se opunham a escravidão. Existe um porém quando pensamos a conjuntura. Aqueles que faziam oposição a organização sócio-política, no entanto, continuavam na dependência das oligarquias que combatiam. Ocupavam cargos públicos, nos quais, as nomeações se deram por interferência de elementos da oligarquia. Os jornais, as revistas, os livros publicados se destinavam a um público que não ultrapassava essa camada e a sua rede de clientela.

Uma produção de ideias que não se sustentava sem a teia oligárquica. Nos levando a crer que a liberdade produzida era uma ilusão. O autor Souto (2015), traz um trecho em seu estudo que define as intenções das produções do período. Escrevendo que:

> [...] – mesmo se a escravidão fosse posta ao fim – um subordinado para lhe servir tal como antes. Embora o motivo principal de notícias como esta fosse o de mostrar o quanto o tal regime escravo se mostrava insustentável, certamente contribuíram para fomentar possibilidades, alternativas de manutenção do domínio senhorial caso a abolição chegasse. Desse modo, manter sob o seu poder, propor uma condição se mostrava uma alternativa plausível e planejada aos olhos dos senhores. (SOUTO, 2015, pg. 63).[13]

No trecho conseguimos entender que os projetos ideários se voltavam para a manutenção do domínio. A fomentação de alternativas que deixassem o povo no lugar em que se encontrava. Criando um campo científico repleto de estratégias de ações, que reforçassem as raízes do Brasil. O autor Silvio Romero (2001), crítica às atitudes tomadas por parte da elite intelectual. Dizendo que as ideias no século XIX trilhavam um plano doutrinário por parte dos teóricos brasileiros. Na visão dele a filosofia foi reduzida a um princípio simples, constituindo um "religião política". Ou seja, os projetos desenvolvidos pela elite reforçavam as construções históricas sócio-políticas do Brasil. A cidadania se conectava a função social do corpo da sociedade e não como direito. Determinado sua função frente ao grau de autonomia social e econômica. Os intelectuais apresentavam uma inclinação elitista, antipopular, visto nas produções do movimento intelectual.

As reformas buscavam mudanças em frentes específicas, por exemplo, o fim da escravidão. Porém a distinção social e a estrutura social permaneceriam iguais. Segundo Alonso (2002, pg. 261), os participantes do movimento dedicavam-se a

---

[13]O autor Pedro Nicácio Souto trata sobre uma liberdade escrava sob condição, que era adquirida de cinco anos.

criar novos princípios de organização social e política sendo fieis a estrutura social. Resguardar a separação entre elite e povo. Conservando o realismo da elite imperial. O movimento intelectual não foi popular nem revolucionário. A ideologia política que foi consolidada abominava e temia uma revolução. Que afirma nas palavras de Romero (2001), que pregar e difundir uma ordem em favor do progresso é algo que pode ser encontrado em outros países. A questão principal do movimento intelectual foi justamente a construção de uma liberdade que não descia até as camadas populares.

A intenção dos intelectuais durante a formatação da identidade brasileira, foi a conservação. Conservar suas posições sociais, políticas e econômicas, além das relações de patronagem e clientela. Projetar um plano doutrinário em que o poder da oligarquia sobre as camadas populares permanece. Cada intelectual do século XIX, bebeu de seus interesses e de sua clientela para compor suas teorias. As experiências enraizadas nas relações sociais dessa elite intelectual oligárquica, deu cor ao movimento de ideias. Cada teoria sobre a identidade nacional contém no seu interior toda a carga firmada pela teia de favores e o processo histórico do Brasil, até aquele momento. Entender as ideias do XIX é compreender todo o contexto social e político.

CAPÍTULO II – "UM ESPÍRITO CURIOSO E INVESTIGADOR": UM OLHAR SOBRE A TRAJETÓRIA DE PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO (1843-1905) NO CAMPO DA CIÊNCIA.

> Além de interessar-se pela pintura demonstrava tendência para a ciência, havendo por isso freqüentado o Instituto de Física do Professor Ganot, recorrendo também à Sorbonne para satisfazer sua curiosidade filosófica. (JÚNIOR MELLO, 1983, pg. 19.)
>
> No decorrer da sua atribulada vida, também exerceu múltiplos papeis. Filósofo, romancista, ensaísta, poeta, desenhista, caricaturista, político e agente do exército francês. Em algumas dessas profissões ele obteve maior destaque. Em outras foi um tanto quanto obscuro. (VASCONCELOS, 2016, pg. 15).
>
> A diversidade dos interesses de Américo no que diz respeito ao conhecimento demonstra seu caráter investigador. (ZACCARA, 2011, pg. 52).

As epígrafes acima traduzem a imagem de uma pessoa cuja trajetória intelectual foi bastante diversificada. O personagem de tais relatos é Pedro Américo de Figueiredo e Melo. O homem conhecido pelas telas que executou ao longo de sua vida, chegando a ter notoriedade também no exterior. Segundo Vasconcelos (2016), a carreira desse pintor foi consolidada em uma época marcada pelo nacionalismo romântico a serviço do império brasileiro. A sua trajetória foi sendo constituída de ramificações diversas; "da filosofia à pintura, da literatura ao jornalismo, do ensino à política" (VASCONCELOS, 2016, p. 25). Na busca por compreendê-las necessitamos analisar e refletir sobre a sua vida, desde sua origem até sua morte.

O homem que adquiriu fama no Império deixou sua terra natal muito cedo, quando ainda era uma criança. Nascido na cidade de Areia, localizada no interior da Paraíba, no dia 29 de abril de 1843. Filho de Daniel Eduardo de Figueiredo e Feliciana Cirne de Figueiredo. Segundo seus biógrafos[14], seu interesse pela arte e pelas letras veio desde muito cedo. No ano de 1850 chegava à cidade frei Serafim, um frade capuchinho, considerado um santo pelas beatas e crédulos da região. Na oportunidade Pedro Américo desenhou o retrato do frade, dando inicio uma

---

[14]OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. Um Millionario de Glorias: noticia biographica sobre Pedro Americo. In: FIGUEIREDO, Pedro Américo de. O Foragido. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889. Pg. X – LII. ALMEIDA, Horácio de. Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. Campina Grande, EDUEPB. João Pessoa, União Editora, 2013. P. 104. ZACCARA, Madalena. Pedro Américo: um artista brasileiro do século XIX. Recife, Editora Universitária UFPE. Coleção História da Pintura Brasileira, 2011. Pg. 499. + CDROM.MELLO JÚNIOR, Donato. Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905). Rio de Janeiro, Pinakotheke. Coleção História da Pintura Brasileira, 1983. Pg. 81. VASCONCELOS, Lúcio Flávio.Pedro Américo: As cores do Brasil Imperial. Curitiba, Editora Prismas, 2016. Pg. 229.

sequência de encomendas por parte dos devotos. Podendo ser visto como o início de sua trajetória profissional. Dando início a sua fama; "(...) tornou-se verdadeiramente popular em sua terra natal." (OLIVEIRA, 1889, pg. XIII).

Dois anos depois deste fato, Areia recebe o naturalista Louis Jacques Brunet de origem francesa, que estava à frente da expedição científica sobre o sertão nordestino para o Museu Nacional. Também estava presente o desenhista alemão Bindseil. A historiadora Zaccara (2011) relata o encontro da criança Pedro Américo com o diretor da expedição:

> A cidade mostrou, então, ao estrangeiro sua principal atração: a criança. Brunet testou suas aptidões e pediu que ele desenhasse alguns objetos entre eles um fuzil apoiado a uma cadeira, um dos desenhos mais antigos do artista. Tanto o naturalista quanto o desenhista da expedição (o alemão Bundseil) se entusiasmaram com aquele talento natural e propuseram levá-lo como membro da equipe. (ZACCARA, 2011, pg. 36).

Como percebemos, a criança já era uma figura que se destacava e de certa importância para a cidade. O próprio Horácio de Almeida (2013) relata que o menino alcançou a admiração dos conterrâneos. Desmitificando um pouco a ideia de que a cidade de Areia não teria dado importância para os dotes desenvolvidos por ele. No período do século XIX a província da Paraíba contava com o ensino de "cadeiras isoladas"[15], a cidade do brejo (Areia) contava com esse tipo de ensino[16]. A educação nesta época, estava associada à influência da organização oligárquica, da sociedade política paraibana.[17] As relações estabelecidas entre os poderes locais, provinciais/estadual e nacional "[...] caracterizada pelo clientelismo que influenciou, sobremaneira, a estruturação da instrução pública paraibana."[18] (PINHEIRO, 2001, pg. 26). A teia de relações políticas, encaminhava a educação pública. Porém, tínhamos ainda associado o fator do desenvolvimento da cidade que receberia tais "cadeiras isoladas". Assim, a cidade de Areia conseguiu o investimento na

---

[15]O autor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, expressa que: "[...] esse tipo de escola não se restringia ao ensino de primeiras letras, isto é, à alfabetização. [...]. Por outro lado, o termo "escola isolada", a nosso ver, sugere uma organização institucional mais complexa e também mais próxima da atual. Cf. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Da Era das Cadeira isoladas à Era dos grupos escolares na Paraíba. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001. 250p. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual Campinas, Campinas-SP, 2001.

[16]Segundo Horácio de Almeida a cidade contava com as cadeiras de latim e francês, ministradas por Joaquim da Silva. Cf. ALMEIDA, Horácio de. Brejo de Areia: memórias de um município. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1958. Coleção "Vida Brasileira". 301p. pg. 179-202.

[17]Cf. A. C. F. Pinheiro, 2001.

[18]"Contudo, mesmo considerando a embrionária organização da sociedade civil, não podemos deixar de ressaltar que a estruturação da instrução pública paraibana também foi engendrada pela correlação de forças que se estabeleceu entre a sociedade civil e a sociedade política." (PINHEIRO, 2001, pg. 26).

educação, por ter um crescimento nas suas rotas de comércio. (ALMEIDA, 1958, pg. 165-177).

Segundo a visão construída por Horácio de Almeida (1958) no seu livro "Brejo de Areia: memórias de um município", o autor destaca que o município possuía um número significativo de engenhos (fabricação de açúcar), lavouras (algodão e cana-de-açúcar), armazéns de secos e molhados. Ainda destaca a presença da feira, que: "A feira de Areia, nascida com a criação do município, gozou a reputação de ser a maior da Paraíba, até o fim do século." (ALMEIDA, 1958, pg. 167).[19] Porém, em parte seu relato é importante, por ele ter tido acesso a documentos que hoje nos é inacessível, por motivos diversos. Mas, apenas tais fatores não são os únicos que fizeram com que os "olhos" se voltassem para Areia. Como o autor Antonio Carlos (2001) destaca as relações sociais e políticas estavam diretamente relacionadas aos caminhos que as cidades alcançavam. Possuir uma teia bem articulada sócio-política, impulsionava as decisões e as "oportunidades".

Nesse caso, o município no período do século XIX, estava cotado como o segundo colégio eleitoral. Tendo em sua organização política sede dos partidos liberais e conservadores. Ao longo do período imperial, a cidade conseguiu eleger areienses para cargos no: governo da província e na Assembleia Provincial.[20] Nos mostrando assim, que Areia conseguiu ter famílias enveredadas no meio político, o que possibilitava o desdobramento de uma teia de favores. Mesmo a cidade não dispondo de um ensino artístico[21] para oferecer a Pedro Américo, a cidade estava

---

[19]Segundo Lewin (1993:41-42 *apud* PINHEIRO, 2001, pg. 36),"o brejo, ou 'brejos', era uma zona intermediária, a noroeste do agreste. Circundado pela caatinga a leste e ao sul, o brejo situava-se nas erodidas ramificações nordestinas do maciço da Borborema, estendendo-se por quase 200 quilômetros de norte a sul e cerca de 100 quilômetros de leste a oeste. As vantagens da altitude fizeram da região uma zona ainda mais fértil para a policultura. O algodão e os cereais tinham criado o brejo na segunda metade do século XVIII, mas, quando da chegada da República Velha, a zona já ultrapassara seu auge de produção dos anos 1860 e 1870, e começava a caminhar para o declínio lento e irreversível. Durante a República Velha, a riqueza econômica do brejo vinha do tabaco, café, aguardente e rapadura. Até os anos 1890, situavam-se no brejo a mais próspera cidade mercantil (Areia) e o maior conjunto de praças comerciais. A posição estratégica comandada pelo brejo dominando os contrafortes orientais da Borborema, permitiram-lhe dar origem aos principais mercados interprovinciais e interzonais da Paraíba: Areia, Guarabira, Bananeiras e Alagoa Nova. Estes centros forneceram os políticos que juntamente com várias famílias do açúcar, dominaram a oligarquia provincial do Império".

[20]Cf. H. Almeida, 1958.

[21]O ensino artístico nesse período já estava em desenvolvimento no Brasil, tendo como instituição de formação a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. Fundada desde 1816, contando com uma linha similar a europeia. Para compreender um pouco mais sobre sua criação e desenvolvimento ver: GODOY, Rosani; THIESEN, Icléia. Formação do Acervo da Academia Imperial de Belas Artes e o Papel das Comissões de Professores. Informação@Profissões. Londrina, v. 4, n. 2, p. 20 - 41,

ligada as redes de relações sociais e políticas que direcionariam sua trajetória. Como disse Gaudêncio (2007):

> O destaque ao florescimento da cultura em Areia, que incialmente norteou os nossos estudos, justifica-se por dois aspectos a ela ligados e muito presentes em seu cotidiano: a educação e a vida social. (GAUDÊNCIO, 2007, p. 19).

As relações não podem ser esquecidas e desligadas quando pensamos a vida do nosso autor e pintor. Não se pode afasta-lo da temporalidade que viveu e da construção social que estava estabelecida. As características do âmbito macro da história, interfere nas relações da micro-história. Destacamos que a educação apesar de ser colocada como pública e preocupada com o ensino dos cidadãos ao longo da análise de Almeida (1958). Não era tão pública assim e de acesso a todos os cidadãos. A formação social que estava estabelecida do XIX - de escravos e hierarquização social colocava os trabalhos pobres e livres a margem desse serviço. A preocupação com a educação dos cidadãos, estava pautada nos membros da elite escravocrata. Como declara Pinheiro (2001), na passagem:

> Vale lembrar que, à época, o Brasil cuja economia era sustentada pela atividade agrária tinha em seu imenso território, que apresentava baixíssima densidade demográfica, um contingente populacional rural elevado, boa parte do qual formado por escravos, sem direito à escola. Diante dessas condições materiais, a instrução escolar não se constituía em necessidade tão premente que suscitasse, nos grupos sociais subalternos, movimentos reivindicatórios de acesso à escola. (PINHEIRO, 2001, pg. 27).

As famílias tinham que dispor de condições financeiras e/ou uma boa rede de relações sócio-políticas. No caso de Pedro Américo, não podemos negar seu talento. Mas, apenas o seu talento não o impulsionaria a chegar aonde chegou. As relações que a sua família detinha foram usadas como alavanque na sua carreira. O pai dele era dono de um comércio na região central da cidade.[22] O seu avô (Manuel de Cristo Grangeiro e Melo) por parte da mãe fundou em 1847 a primeira banda da cidade. (ZACCARA, 2011). Seu tio (Tristão Grangeiro de Almeida e Melo) regeu a banda musical durante 30 anos, suas tias (Bahia e Dondon) dirigiam a orquestra de coro da Igreja. (ALMEIDA, 1958). Essas atividades facilitam a formação da imagem de menino prodígio dentro da pequena cidade do brejo (Areia). Uma vez que aproxima os parentes dele com a camada social influente na região (políticos,

---

jul./dez. 2015. http:www.uel.br/revistas/infoprof/ Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/44093>

[22]Durante a pesquisa não foi encontrado nenhum relato especificando o tipo de comércio que era desenvolvido por Daniel Eduardo de Figueiredo (pai de Pedro Américo).

cônego e comerciantes). Difundindo assim a imagem do menino em associação a imagem dessas personas e de Areia. Sem tais redes talvez nosso autor não tivesse ido tão longe. Isso direcionou os olhos e as atitudes de Brunet, ao chamar o menino para a expedição.

Lembremos que o prestígio no século XIX era algo valioso, principalmente para conseguir aliados na sua causa. (GRAHAN, 1997). Percebido nas falas dos seus biógrafos, a associarem o nome de Pedro a cidade, ao imperador, a Academia, a seu genro, etc. Ao consentir com a ida de Pedro Américo por doze meses na expedição. O pai não estava apenas sendo um preocupado com a educação. Havia marcas das relações sócio-políticas do XIX. Tal atitude lhe proporcionou conhecimento na área de história natural, francês, geologia, fauna, flora e desenho. Além de conseguir ampliar seus horizontes, em detrimento de deixar de lado sua infância e adolescência. Quando findou a expedição o naturalista Brunet encaminha uma carta de recomendação[23] ao Presidente da Província da Paraíba, Dr. João Capistrano Bandeira de Mello[24]. Sendo encaminhado ao Ministro do Império Manuel Pedreira do Couto Ferraz. Partiu para a corte na idade de onze anos, desembarcando no Rio de Janeiro no final do ano de 1854. Precisamos lembrar que por conta vinda da Corte Portuguesa em 1808 tinha sido iniciada uma transformação da colônia em metrópole[25].

A "metrópole" do Rio era considera o centro das mudanças e das manifestações culturais, do desenvolvimento e o foco dos intelectuais e de pessoas em busca das novidades vindas da Europa. Podemos dividir o Rio nesse período em duas margens: de um lado os problemas de higienização das ruas, de organização do território próximo da zona portuária; do outro lado estava a Rua do Ouvidor. Nessa rua, estavam localizadas lojas com as novidades da moda parisiense, jornais,

---

[23]Trecho da carta: "Apresentou-se um jovem brasileiro de 11 a 12 anos, Pedro Américo de Figueiredo Mello, que tem para o desenho as mais notáveis disposições. Executa diante de nós com grande rapidez desenhos que nos espantam." (TORRES, F.T. *apud* VASCONCELOS, Lúcio Flávio.Pedro Américo: As cores do Brasil Imperial. Curitiba, Editora Prismas, 2016, p. 28).

[24]"Folgo de aqui comunicar-vos que tendo o Governo Imperial noticia de que o menor Pedro Americo de Figueiredo Mello natural da Cidade d'Areia, tem extraordinário aptidão para a pintura, determinou por Aviso de 20 de Fevereiro proximo fundo que elle tivesse passagem para a Côrte, a fim de fazer ali a sua educação artistica na Academia de Bellas Artes." (ASSEMBLÉA LEGISLATIVA PROVINCIAL DA PARAHYBA DO NORTE. Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte pelo excellentissimo presidente da provincia, o dr. João Capistrano Bandeira de Mello, na abertura da sessão ordinaria em 5 de maio de 1854. Parahyba, Typ. de José Rodrigues da Costa, 1854.581BN, p. 15 Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/581/> Acesso 04/04/2018.).

[25] Cf. DIAS, Maria Odila Leite da Silva, Interiorização da metrópole e outros estudos. São Paulo, Alameda, 2005, pg. 161-184.

cafés, livrarias, etc.[26] O autor Vasconcelos (2016) expõe que a vida na cidade por parte dos membros da elite escravista estava marcada de reuniões em salões, com jantares para articulações políticas e comerciais. Ainda tinha as idas ao teatro, as festividades religiosas. Um ambiente que girava em torno das bases europeias (cultura, moda, música e ideias). Foi nesse contexto que Pedro Américo desembarcou. Foi matriculado como interno no Colégio Pedro II. Não se encantou pela cidade do Rio de Janeiro, pois a mesma não se aproximava das metrópoles que conhecia através da leitura (ZACCARA, 2011).

No ano de 1855 Américo se encontrava na idade de doze anos. Segundo Zaccara (2011) o jovem tinha em mente que queria estudar na Academia de Belas Artes. É possível encontrar nas biografias de Almeida (2013), Oliveira (1889) e de Mello Júnior (1983) passagens expondo que o anseio e a decisão de tal feito foi apenas dele. Como foi mostrado no texto, as atitudes na sociedade do XIX, estava acompanhada de favores e interesses mútuos. Mostrado por Viotti (2007) quando expõe que as relações de patronagem encaminhavam a política e as oportunidades. Nosso autor não estaria longe dela, mesmo porque desde sua saída de Areia-PB até aquele momento apresentava a "mão" de terceiros. A própria Zaccara (2011, pg. 40) traz que "com apenas doze anos já sabia muito bem o que queria, não conhecia a indecisão [...].". O colocando como alguém independente. Algo que pode ser combatido se compararmos com o seu próprio irmão Francisco Aurélio de Figueiredo. Também foi pintor e não teve o mesmo destaque. É lógico que as circunstâncias o levaram ao amadurecimento precoce. Seu talento e inteligência não podem ser desmerecidos. Mas, quantos iguais a ele não tiveram o mesmo reconhecimento? Sua tenacidade e "genialidade" precisam ser vista dentro da rede relações do XIX. Isto posto, o Imperador D. Pedro II um de seus agentes, após uma visita pelo Colégio Pedro II.

Conseguindo do Imperador a promessa de uma matricula na Academia Imperial de Belas Artes.[27] O ato de "generosidade" não pode ser visto como simples. Tal atitude do império pode ser interpretada como a conquista de uma aliado político. Caracterizando o clientelismo. Uma prática em que estava ligada a concessão de cargos, proteção, favores, em troca da lealdade política e pessoal.

---

[26]Cf. L. F. Vasconcelos, 2016, pg. 31-37.

[27]MELLO JÚNIOR, Donato. Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905). Rio de Janeiro, Pinakotheke. Coleção História da Pintura Brasileira, 1983. Pg.16.

(GRAHAM, 1997). Garantindo que os interesses das classes dominantes estivessem sendo realizado. O cargo ocupado pelo Imperador proporcionava a executar tal prática em seu favor e de seus interesses.[28] O jovem ganha proteção em troca de sua lealdade, conseguindo seu lugar na Academia. A data de sua inscrição é um desacordo entre seus biógrafos, pois parte diz que o mesmo teria dado entrada em 1855 e outros que o mesmo teria se inscrito em 1856. A autora Zaccara (2011) relata em nota o fato, na tentativa de elucidar o momento:

> Nós encontramos nos Arquivos da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, toda uma série de pedidos de inscrição do pintor para a Academia (Dossiê Pedro Américo, documentos n.13, 14 e 15). No texto do documento numero 15, datado de 23 de fevereiro de 1858, ele solicita inscrição para o quarto ano escolar da Academia. Por outro lado nós tivemos acesso a uma carta, já citada, datada de 7 de abril de 1855, onde o pintor afirma não estar ainda inscrito na Academia. Supomos que ele conseguiu se inscrever mesmo com atraso em relação ao ano escolar em curso. (ZACCARA, 2011, p. 46-47).

A nota trazida pela autora nos mostra que ainda existem lacunas na trajetória de Pedro Américo a serem debatidas. O currículo da Academia contava com estudos de: matemática, anatomia, pintura de paisagem e, principalmente, pintura de história. Assimilando-se de certo modo a Europa. Os alunos tinham que conseguir acumular prêmios ao longo de sua caminhada, pois eles definiriam o sucesso profissional.[29] Esse período do século XIX é marcado por uma busca de construir uma identidade cultural nacional. A consolidação do Império trouxe consigo um maior incentivo pelas artes. Isso pode ser definido a partir do momento que a Corte se mudou para o Brasil. A proposta seria a construção de uma nova relação de educação artística, que fugisse da do período colonial. Uma relação que se assimilava a relação "mestre-aprendiz"[30], consolidando uma formação clássica.

O século XIX é marcado pelo incentivo dado as pesquisas científicas de fauna e flora. A busca pelo engajamento na formação de intelectuais nos mais diversos campos. No caso das artes vai se consolidar com a vinda da *Missão Artística Francesa de 1816,* encabeçada pelo Joachim Lebreton[31]. Os fatos podem nos levar

---

[28]Cf. GRAHAN, Richard. Clientelismo e política no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997. 519p.

[29]J. M. Cardoso de Oliveira. *apud* FIGUEIREDO, Pedro Américo de. O Foragido. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889. Pg. XIV.

[30]SCHWARCZ, Lilia Moritz. A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

[31]Na sua visão o ensino da arte estava atrelado a princípios rígidos porque prevenia uma "invasão de qualquer professor medíocre ou não clássico, pois, dessa forma a escola teria, desde o inicio, germes de fraqueza e de torpor que não tardariam a prejudicá-la." M. Zaccara Op. Cit., pg. 41. Outro autor

a explicar o motivo da rigidez do currículo da Academia. Um fato sobre a Academia Imperial de Belas Artes é quanto à origem de parte do seu alunado. Outra circunstância sobre a instituição é ressaltado pela autora Zaccara (2011), é a questão da subordinação às regras:

> [...] dentro do contexto brasileiro, era a origem social dos estudantes. Em uma nação escravagista de base rural, sem economia urbana sólida e com uma classe artesanal pouco significativa; com poucos centros de estudos jurídicos, médicos e de engenharia militar (basicamente destinados para preparar os filhos da elite), a carreira artística destinava-se ás classes pobres urbanas: filhos de pequenos comerciantes, de artesãos e mesmo alguns libertos." (ZACCARA, 2011, pg. 41).

O fator debatido nos leva a remontar um quadro sobre o nível de instrução dos alunos. Chegando a relatar que o nível de conhecimento dos alunos era precário. Dentro deste contexto temos Pedro Américo, filho de comerciante, tinha frequentado às cadeiras de latim e francês quando residia na sua cidade, Areia, e depois frequentou o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. De certo modo, sua escolaridade não era tão precária assim. Estar naquela instituição, sendo auxiliado pelo Império era mais um degrau de sua trajetória, que ele aproveitou muito bem. Um dos seus maiores influenciadores nessa época foi o diretor da Academia, Manuel de Araújo Porto Alegre. Um homem que se dedicou a pintura, literatura, crítica de arte, teatro, poesia, arquitetura e diplomacia. Aqui mais uma vez cabe o clientelismo. Uma vez que, ter em seu círculo de relações alguém como o diretor da Academia, que possuía contato com as ramificações da elite brasileira. Lhe favoreceria ao longo de sua trajetória. O interesse de Pedro Américo em Manuel, ia muito além de adquirir conhecimento. Pode ser visto como mais um dos componentes para agregar sua roda de relações.

Nos valendo da avaliação de Grahan (1997), conseguimos formar um panorama da importância de se ter padrinho. "O padrinho que tinha raízes locais agia sobre o sistema nacional do clientelismo tanto quanto o sistema nacional agia sobre ele" (GRAHAN, 1997, pg. 277). A rede de favores poderia lhe dar um cargo oficial, mas também poderia lhe proteger mais que sua riqueza. Ter as pessoas certas ao seu lado em algumas situações era de mais valia que ter riqueza. As

---

que discute a questão da *Missão Artística Francesa*e a influência no Brasil imperial, definindo que "O Academicismo proposto pela Missão Francesa era completamente diferente. Consistia no ensino sistemático, com disciplina quase militar, de conteúdos teóricos e práticos sobre os diversos campos da arte pictórica." L. F. Vasconcelos. Op. Cit., pg. 39-42.

relações desenvolvidas a partir dessa prática sustentava a parafernália do Estado.[32] Após um tempo de estudo na Academia Imperial de Belas Artes, seu foco agora é a Europa. A Europa era tida como o auge para a carreira de qualquer aluno na formação artística. Encontrava-se com 15 anos de idade. Essa sua busca de estar sempre se aperfeiçoando, o faz requerer ao imperador, através de uma carta, a permissão e o auxílio para ir à Europa. Em vista que a Academia Imperial de Belas Artes não abriu concurso para o "prêmio" de Roma. Mais um favor que solicitou e acabou atingindo seu objetivo.

A autora e biografa de Pedro Américo, Zaccara (2011, p.44), chega a defini-lo como: metódico, meticuloso, organizado e um exímio em executar estratégias para a obtenção de seus desejos. Criando circunstâncias que encaminhassem de forma satisfatória para ele. Digamos que acabou aprendendo a partir da prática de favores, mantendo as "amizades", demonstrando sua lealdade e apreço as pessoas certas conseguiria ter seus interesses beneficiados. Não estamos aqui desmerecendo tais características do autor. Apenas mostramos que seus esforços estavam ligados a um sistema muito maior. Que mesmo que seus biógrafos o tenham em alguns momentos o colocado num pedestal de mito. Nada seria possível sem os "amigos"[33] que estiveram a seu redor durante sua trajetória. Seu pedido foi aceito, o governo lhe concedeu uma bolsa de estudos no valor de 400 francos franceses por mês[34]. Na data em que solicitou a bolsa a D. Pedro II se encontrava enfermo. O imperador compareceu nos seus aposentos na Igreja S. Joaquim para visitá-lo[35]. Nosso autor Pedro Américo chegou a Paris carregando uma carta de recomendação escrita por Manuel de Araújo Porto Alegre destinada a seu patrício Vítor Meireles. A carta tinha por objetivo apresentar Pedro Américo como um jovem talentoso, pensionista do imperador e solicitar que Meireles o encaminhasse para M. Gogniet[36]. A sua bolsa

---

[32]Cf. R. Grahan, 1997.

[33]"Na maioria das vezes, a palavra *amigo* significava protetor ou cliente. O protetor era o *amigo* do cliente e vice-versa." (R. Grahan Op. Cit. 1997, pg.304).

[34]D. M. Júnior. Op. Cit., pg. 18.

[35]J. M. Cardoso de Oliveira. *apud* FIGUEIREDO, Pedro Américo de. O Foragido. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889. Pg. XV. ALMEIDA, Horácio de. Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. Campina Grande, EDUEPB. João Pessoa, União Editora, 2013. pg.37. ZACCARA, Madalena. Pedro Américo: um artista brasileiro do século XIX. Recife, Editora Universitária UFPE. Coleção História da Pintura Brasileira, 2011. Pg. 499. + CDROM.

[36]Léon Cogniet (Paris, 1894 – Paris, 1880) Pintor de História e de Retratos. Aluno de Guérin obteve o prêmio de Roma em 1817. Conhecido pelas suas composições, mais que pela originalidade ou pelo colorido. A tela Ticiano pintando a filha morta, atestam a sua mestria. Professor de Desenho na Escola Politécnica e na *ÉcoledesBeauxArts.* Teve enorme reputação e fez numerosos discípulos. BENEZIT, E*apud* MONCÓVIO, Susana Maria Simões. Prenda ou Arte? A participação feminina nas

somava o valor anual de 4.800 francos franceses. No ano de 1863 a Província da Paraíba sanciona na Assembleia Legislativa uma lei de auxílio a Pedro Américo. Determinando:

> "A Paraíba acompanhava de longe os progressos e as necessidades do seu filho. (...) A Assembléia Legislativa Provincial resolveu e o presidente Francisco de Araújo Lima sancionou a lei n. 86, de 3 de novembro de 1863, pela qual foi concedida a Pedro Américo uma subvenção anual de mil cruzeiros, por espaço de três anos, para concluir os seus estudos de Belas Artes na Europa." (ALMEIDA, 2013, pg. 40).[37]

Quando analisamos a colocação de Horácio de Almeida (2013) sobre a ajuda financeira que a Paraíba designou para Pedro Américo, juntamente com a bolsa do imperador chegamos à quantia de 5.300 francos franceses anuais[38]. Ao contrário de Pedro Américo, os outros artistas pensionistas do Império, recebiam uma bolsa de 3.000 francos franceses anuais[39]. Os bolsistas brasileiros tinha uma série de obrigações a cumprirem em detrimento a sua permanência na Europa. As exigências estavam pautadas em: a escolha de um mestre e o apresentar ao embaixador do Brasil em Paris para obter sua aprovação; atestar a assiduidade com assinatura do orientador; de 6 em 6 meses fornecer a embaixada brasileira provas de seus esforços (trabalhos acadêmicos), no primeiro ele deveria enviar 12 estudos feitos a partir de modelos naturais ou baseados em obras da antiguidade clássica, bem como a cópia de um quadro que seria designado pela academia do Brasil. O não cumprimento de tais pontos e a não inclusão no "Concours de Places" tinha por consequência a retirada da bolsa.[40]

Pedro Américo recebeu orientação pela Academie des Beaux-Arts de Paris, tendo por formação "pintura idealista e clássica de cunho acadêmico que então vigorava nos **salons** e nos padrões da academia francesa e também na Academia de São Lucas, na Itália." (MELLO JUNIOR, 1983, pg. 19). A situação de Pedro Américo de modo teórico era semelhante aos outros bolsistas brasileiros, no que diz respeito às obrigações que deveriam ser executadas durante o período de estudo na

---

Exposições Trienais da Academia Portuense de Belas Artes (1842-1887). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Apêndice Iconográfico, v. III, Porto, 2009, pg. 49. Disponível em:<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20204/4/mestsusanamoncovioprendavol3000084618.pdf.>

[37]M. Zaccara Pedro Américo: um artista brasileiro do século XIX. Recife, Editora Universitária UFPE. Coleção História da Pintura Brasileira, 2011, pg. 63. + CDROM. Relata que a quantia equivalia a 500 francos franceses mensais quando convertidos.

[38]M. Zaccara. Op. Cit., pg. 48.

[39]M. Zaccara. Op. Cit., pg.48.

[40]M. Zaccara. Op. Cit., pg. 49.

Europa. Além das obrigações que já foram citadas anteriormente, os bolsistas tinham que retornar ao Brasil após terminar os estudos, com a finalidade de disseminar os novos conhecimentos adquiridos.[41] Zaccara (2011) traz em sua pesquisa um trecho que pode ser observado como um tipo de privilégio. O trecho mencionado é: "[...] Pouco depois, no mesmo texto, o artista afirma que seu único objetivo enviando esses trabalhos era o de seguir, em suas obrigações, os mesmos passos dos pensionistas da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro." (ZACCARA, 2011, pg. 51).

Podemos supor que Pedro Américo dispunha de escolha. As obrigações para ele não eram iguais as dos outros. Colocando nele o estigma de privilegiado. Um assunto que foi abordado pelos seus biógrafos, de forma a negar tal favorecimento. Mas se analisarmos até o presente momento, em posse das informações que dispomos perceberemos que o título de protegido lhe cabia. Em vista que cada biógrafo busca enaltecer o mito e deixar de lado o homem e sua interação social. O que acabou criando nos textos uma imagem de mito. Um herói que conseguiu através de seu talento, e somente seu talento alçar ares. Ou seja, a exaltação e idealização do homem e do seu caminho percorrido. Além de justificarem as "oportunidades" e os privilégios que lhe diferenciava dos outros bolsistas.[42] Nos textos biográficos que trabalhamos a amizade entre Américo e o Imperador, bem como as regalias, é narrada "boa vontade" do Imperador. A autora Madalena Zaccara (2011), traz para o debate informações, que reforçam o argumento de que Américo desfrutava de escolha quanto às tarefas obrigatórias. Além disso, essa liberdade de escolha durante sua formação na École des Beaux Arts, foi de suma importância para desenvolver seu lado cientista.

Quando o assunto é sua formação intelectual, conseguimos construir uma trajetória bastante eclética. Seus interesses percorrem o campo da arte, do mesmo modo que se interessava pelo campo da ciência. Por conta da liberdade de escolha que tratarmos anteriormente, conseguiu iniciar um curso noturno na Escola Imperial Especial de Desenho e Matemática, Arquitetura e Escultura de Ornamentos para Belas Artes na Indústria. No ano de 1861 se inscreveu no curso preparatório para o

---

[41]M. Zaccara. Op. Cit., pg. 50.

[42]Ver: ALMEIDA, Horácio de. Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. Campina Grande, EDUEPB. João Pessoa, União Editora, 2013, pg. 77. OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. Um Millionario de Glorias: noticia biographica sobre Pedro Americo. In: FIGUEIREDO, Pedro Américo de. O Foragido. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889. Pg. X – LII.

"Baccalauréat ès Sciences" no Instituto Ganot. Realizou a primeira parte dos exames da "Baccalauréat ès Sciences", no qual foi considerado habilitado para a segunda parte dos testes. Contudo, não chegou a submeter-se à segunda etapa.[43]

Ainda em Paris, recebeu lições de nomes renomados da literatura francesa. Foi a palestras do padre Freppel e de M. de Pressensé, também fez o curso de arqueologia com o famoso arqueólogo Ernest Beulé (1826-1874), autor das obras: "Le Proces des Cesars" (Processo dos Cesares), publicado em quatro partes entre 1867 e 1870 e "Histoire de l'artgrec avant Péricles" (História da arte grega antes de Péricles), tendo uma segunda publicação no ano de 1870. Compareceu a palestras sobre ciência experimental. Tudo isso foi explorado por ele dentro da Universidade de Paris-Sorbonne. Lugar onde adquiriu a carta de bacharel em ciências sociais. Nesse momento estava escrevendo "La reforme de l'Ecole des Beaux-Arts Et l'Opposition"[44] (Paris, 1862). Notamos que ele tentava equilibrar os interesses diversificados que possuía. O que pode ser visto como confirmação, de que a liberdade de escolha que detinha facilitava sua vida, pois podia decidir sobre a não prestação de contas de suas atividades ao governo brasileiro. Dispondo de mais tempo para dedicar-se ao estudo de outras áreas, como a ciência.

No ano de 1862 chegou ao fim dos seus estudos em Paris. Assim, tinha que retornar ao Brasil de imediato para ocupar o cargo de professor da Academia Imperial de Belas Artes a pedido do Imperador. Entraria na Academia como docente da disciplina de *Desenho figurado.* É preciso lembrar que nesse período, teoricamente, para chegar à posição de professor da Academia era necessário se submeter a um concurso público. Entretanto, de acordo com Zaccara (2011) e uma carta que encontrou durante a pesquisa, ficava claro que o monarca já tinha resolvido que ele ocuparia esse cargo. Logo o concurso seria apenas para justificar ao público e para a burocracia da Academia. Mais uma vez temos o reflexo do apadrinhamento; sua lealdade política e pessoal ao Imperador e o governo imperial resultou na sua convocação para o cargo de professor. Como mostra Grahan (1997), era comum a colocação de pessoas em cargos públicos. Dispor de um cargo público possibilitava ao favorecido ajudar um "amigo" também. Uma teia que se desenrolava sem fim.

---

[43]Ver M. Zaccara. Op. Cit., pg. 52-53. A autora apresenta que na documentação que analisou no Arquivo Nacional (França), não encontrou menção do nome de Pedro Américo de Figueiredo e Melo nos registros dos exames e matrículas para o Baccalauréatès Science Scindé.
[44]"A Reforma da Escola de Belas Artes e Oposição".

Antes de vir para assumir o cargo, solicita a D. Pedro II prorrogação do seu tempo de estudos.[45] "Assim, Américo continuou estudando na Franca apesar de ter justificado para seu mecenas sua permanência na Europa para cumprir a etapa italiana." (ZACCARA, 2011, pg. 56). No ano de 1864 retornou ao Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro para concorrer à vaga de professor da Academia. No dia 2 de outubro de 1865 mediante decreto D. Pedro II, o nomeou professor de Desenho Figurado. Porém, sua vontade era de retornar para o estrangeiro e continuar se aperfeiçoando em nível superior. Mediante esse fato requereu sua primeira licença, "aliás sem vencimentos, pelo prazo singular de dois anos, posteriormente prorrogada por mais oito meses." (JÚNIOR MELO, 1983, pg. 24). No período de 1865 a 1890 no cargo de docente da Academia muitas foram às solicitações de licença. Partiu no mesmo ano para Paris e passou um tempo por lá. Depois viajou por Estrasburgo, de lá para Grão-Ducado de Baden, depois Rheno, visitou a Holanda e a Dinamarca. Fez excursões por Pera, Marrocos, Sicília e Arquipélago grego.

Sobre este momento, é possível encontrar em determinadas biografias a informação de que ele sofre com dificuldades financeiras. A situação se agravou ao ponto em que teve de se desfazer das medalhas que tinha acumulada.[46] Passado tal episódio, Pedro Américo vai para Bruxelas a fim de concluir seus estudos. No ano de 1862 ele tinha se matriculado na Faculdade de Ciências da Universidade de Bruxelas.[47] Sendo assim:

> [...] Américo chegou a Bruxelas com o objetivo de completar seus estudos. Um atestado da Universidade de Bruxelas datado de 1 de março de 1867 nos informa que ele seguiu os cursos de Mineralogia e Zoologia. Outro nos confirma que ele freqüentou o curso de Psicologia no mesmo período. (ZACCARA, 2011, pg. 77).

A citação acima pode ser vista como mais um ponto de afirmação de que os interesses de Pedro Américo são diversificados. Transparecendo assim a imagem

---

[45]M. Zaccara. Op. Cit., pg. 56.

[46]ALMEIDA, Horácio de. Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. Campina Grande, EDUEPB. João Pessoa, União Editora, 2013, pg. 49. OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. Um Millionario de Glorias: noticia biographica sobre Pedro Americo. In: FIGUEIREDO, Pedro Américo de. O Foragido. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889, pg. XXV. D. M. Júnior. Op. Cit., pg. 28.

[47]"Segundo a maioria dos seus biógrafos, ele teria concluído o curso na França. Entretanto, se tal fato tivesse acontecido Américo não teria necessidade de se inscrever para os mesmos estudos, quase ao mesmo tempo, em outro país. Ele teria seguido seu curso universitário e prosseguido com sua pós-graduação, exatamente como ele fez posteriormente em Bruxelas." M. Zaccara. Op. Cit., pg. 54. A autora expressa o momento em que Pedro Américo tinha se matriculado no Instituto Ganot, refutando a afirmação que ele teria terminado seus estudos ali.

de um ilustrado eclético e determinado. Neste momento ainda estava passando por dificuldades financeiras. Visando terminar seu doutorado, começou a desenhar retratos pelos cafés e fugia de reuniões para poupar dinheiro.[48] Apesar do quadro não estar tão favorável conseguiu concluir seus estudos em 22 de julho de 1868, recebendo o grau de doutor em ciências naturais pela Universidade de Bruxelas. Desenvolvendo assim uma obsessão "pelo ideal de cultivar sua privilegiada inteligência, de acumular sólida erudição filosófica e de conviver com a ciência e com a arte." (JÚNIOR MELLO, 1983, pg. 28-30).

Nessa fase escreveu textos com enfoque em questões científicas, do tipo: "Memória sobre a conjunção do Spyrogyra Quinina e teoria da polaridade dos sexos" e "Hipótese relativa à causa do fenômeno chamado luz zodiacal", ambas publicadas em Bruxelas 1869.[49] Segundo seu genro e biógrafo, Oliveira (1889), Pedro Américo tinha o desejo de retornar ao Brasil, mas não tinha o dinheiro suficiente para isso. A vista disso solicita ao governo brasileiro uma passagem para retornar ao Brasil. Porém lhe é negado, compelindo-o a permanecer mais tempo em Bruxelas. Oliveira (1889, pg. XXVI), que relata o momento com um grande teor de drama em sua fala. Com a finalidade de expor que o intelectual de Américo não se abalaria. Para firmar sua fala ele traz o seguinte trecho: "[...] ao estudo das escolas positivistas e materialista, que então ali dominavam, para combatel-as, como adepto que era das doutrinas espiritualistas; [...]." (OLIVEIRA, 1889, pg. XXVI).

O resultado dessa sua "inquietação" relatada pelo seu genro (Oliveira) foi uma tese. Que foi utilizada por ele com a finalidade de obter o grau de professor doutor adjunto na Universidade Livre de Bruxelas. Foi defendida com o título de *"De la Liberté, de la Methode et de l'Esprit de systeme dans l'etude de la Nature.".* (SILVA *apud* MELO, 1999, pg. Viii). A defesa ocorreu no dia 13 de janeiro de 1869, onde a Faculdade de Ciências da Universidade de Bruxelas conferiu-lhe o grau de adjunto. Segundo Júnior Mello (1983) narra que se estimativa um público de duas mil pessoas, e presenças importantes da cena política, tais como o Cônsul do Brasil na época. O trabalho posteriormente foi publicado com o título "*La Science et les Systèmes, questions d'Histoire et de Philosophie Naturelle*"[50] (A Ciência e os

[48]D. M. Júnior. Op. Cit., pg. 28.
[49]D. M. Júnior. Op. Cit., pg. 30.
[50]A tese este ano completou 149 anos desde sua primeira publicação. A primeira foi na região de Bruxelas, datada de 1869, no idioma francês. Conseguimos coletar informações sobre a 3° e 4° edição. A terceira edição vai ocorrer 130 anos depois. Quando o professor aposentado da UFPB

Sistemas, questões de História e Filosofia Natural). Cabe o destaque de um trecho que Pedro Américo expressa: "[...] sobre o método nas ciências em geral, refutando o materialismo de Comte, o empirismo de Bacon, o criticismo de Kant, o fisiologismo de Cabannis, origens comuns do positivismo ateu dos socialistas." (JÚNIOR MELLO, 1983, pg. 30).

A sua produção é relatada pelos seus biógrafos. Porém, nos relatos é possível identificar um "endeusamento" do seu trabalho junto ao campo científico. Vale aqui as palavras de Gaudêncio (2007), de que os biógrafos acabam por colocar seus objetos de estudo em lugares inimagináveis. Por vezes tratam os fatos da vida do biografado se elevam a proporções absurdas. Assim é o relato sobre a repercussão da tese. Expressando que o trabalho obteve um considerável destaque dentro da Universidade de Bruxelas e no mundo científico do século XIX. Para mostrarmos que a narração visava à consolidação da imagem de Américo como cientista e um "génio". Vejamos o seguinte trecho:

> Essa defeza de these, que assumiu as proporções de um grande acontecimento no mundo scientifico da capital belga, foi noticiada pela imprensa de modo a encher de legitimo orgulho o jovem brazileiro; [...] (OLIVEIRA, 1889, pg. XXVII).

O autor da citação conclui a sua fala dizendo que os brasileiros deveriam ter orgulho do jovem. Isto é a tentativa de manter o foco dos "holofotes" na figura do jovem brasileiro. Isso mantinha o pintor em destaque, possibilitando a obtenção de trabalhos e de conservar seu lugar junto da elite dominante. O conteúdo de sua obra tem por princípio analisar a evolução da filosofia, da arte e da ciência. Ao longo do estudo Pedro Américo divaga por campos como: matemática, astronomia, física, química, história natural e, logicamente, a arte. Construindo seu debate se valendo de figuras importantes da filosofia, cientistas e artistas. Desde nomes da antiguidade, bem como os de destaque do século XIX. Como foi citado anteriormente, ele estudou o materialismo e o positivismo e incluiu na sua tese. Reunindo trechos em que expõe sua visão sobre esses dois campos epistemológicos, incluindo a sua análise outros campos do conhecimento científico.

(Universidade Federal da Paraíba) José Flávio da Silva encontrar entre os livros do acervo do Museu Regional de Areia, um exemplar original de *"La Science et les Systemes"*. O qual solicita uma reprodução do livro, para poder realizar a publicação. A segunda publicação ocorre no ano de 1999, em conjunto com o projeto Coleção Nordestina e a Editora universitária/UFPB. Essa já é uma tradução dos professores Gabriel Alves de Oliveira e Maria de Guadalupe Melo Coutinho, sob o título de "A Ciência e os Sistemas: questões de História e de Filosofia Natural". A quarta edição foi desenvolvida também pela Editora Universitária/UFPB, acorrendo no ano de 2001. No presente trabalho foi utilizada a terceira edição (1999) da obra.

Apesar de sua obra ter sido dedicada ao imperador do Brasil D. Pedro II, ela foi escrita em francês. De certo modo os debates construídos na obra não incluem a sociedade brasileira do século XIX. Quando Oliveira (1889) fala sobre as proporções que a tese alcançou, isso não inclui o Brasil. Nesse período o conhecimento dos interesses de Pedro Américo pelo campo da ciência aqui no Brasil era mínimo, se não desconhecido. O conhecimento desse lado do pintor aparece e se torna divulgado quando o autor Dr. Silvio Romero[51] se interessa pela obra. No ano de 1878 ele publicou o livro "A Philosophia no Brasil: ensaio critico", onde colocou o nome de Pedro Américo como um dos filósofos do Brasil. Sua ideia com o ensaio era analisar as contribuições e as influências do Brasil no movimento científico da humanidade. Tratando de analisar através das obras o pensamento brasileiro, começando pela filosofia e escritores que em sua visão se dedicaram a respectiva ciência.

Silvio Romero destaca o fato de Pedro Américo de Figueiredo e Melo ser famoso pela pintura. Mas destaca que: "É como critico e philosopho que vamos aprecial-o. N'este caracter é mui pouco conhecido pelo nosso publico." (ROMERO, 1878, pg. 49-50). Conseguimos confirmar que seus escritos ligados ao pensamento científico não era o foco quando mencionado o nome de Pedro Américo. Mais adiante, o autor expressa que não ser conhecido pelo público, não é um "desfavor". Concluindo sua colocação com o fato de ter dedicado o trabalho aos brasileiros, mas ter o escrito em uma língua estrangeira. Frente a isso, a crítica feita ao seu trabalho *"La Science et les Systèmes, questions d'Histoire et de Philosophie Naturelle"* (A Ciência e os Sistemas, questões de História e Filosofia Natural) abria um novo caminho para o pintor. Até mesmo pela notoriedade que Silvio Romero (1878) possuía junto ao meio intelectual da época.

Depois de alcançar uma reputação respeitada no meio estrangeiro, tinha chegado o momento de retornar para o seu país natal. Principalmente em vista que sua licença da Academia estava vencendo. Precisava reassumir o cargo de professor. O Ministro dos Negócios do Império ordenou que o diretor da Academia se posicionasse diante da ausência de Pedro Américo das suas funções. Então o

[51]Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira, nasceu em Lagarto, SE, em 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de julho de 1914.Convidado a comparecer à sessão de instalação da Academia Brasileira de Letras, em 28 de janeiro de 1897, fundou a cadeira nº 17, escolhendo como patrono Hipólito da Costa.

diretor encaminha uma carta comunicando as ordens do ministro e sobre as penalidades para quem abandonava suas funções. A sua resposta veio de Lisboa, constando que não tinha o dinheiro para retornar e que tinha que trabalhar para conseguir. O diretor repassou a informação ao Ministro, que decidiu que o prazo se iniciaria a partir do dia 23 de fevereiro de 1869, quando Américo recebeu a intimação.[52] Por fim, no dia 8 de junho de 1869 Américo comunica seu retorno a Academia brasileira.

Outro fato era seu casamento com Carlota, filha de seu mestre Manuel de Araújo Porto-Alegre, agora cônsul do Brasil em Portugal. O casamento acaba por surpreender quando levado em consideração a situação financeira de Pedro Américo. O enlace trazia para a imagem de Pedro Américo uma dignificação frente ao meio do século XIX. Um bom casamento nessa época era uma marca social. Então casar-se com a filha de Barão trazia consigo ascensão social, visibilidade e respeito. Mais um dos arranjos que o século XIX dispunha nas relações sociais. O casamento era mais um acordo de partes, um negócio em que ambos ganhavam. Os dois lados se beneficiavam de alguma forma. Manuel de Araújo "amigo" estava num cargo que beneficiava os interesses de Américo. Ele por sua vez trazia sua rede de "amigos" que fez enquanto estava nas terras estrangeiras. Então quando os relatos biográficos narram que apesar de não dispor de riqueza foi aceito como genro do cônsul do Brasil. Lembremos o que foi citado algumas páginas atrás, no qual a riqueza sem os "amigos" em certos momentos não valia de nada. O seu afastamento da Academia Imperial de Belas Artes e do Brasil não afetou seu cargo de professor.

Voltou à posição de ministrante da cadeira de Desenho Figurado, mas logo conseguiu uma transferência para a cadeira de História da Arte, Estética e Arqueologia. Durante esse período ele alcançava notoriedade aqui no Brasil, principalmente como pintor. No campo da pintura sua reputação estava marcada na França, na Itália e no Brasil. Porém, como escritor e autor de textos ligados ao campo da ciência ainda estava à sombra. Mesmo tendo uma estabilidade no Brasil, ainda não se sentia satisfeito. Seu desejo era retornar para a Europa. Como já foi mencionado, Pedro Américo solicitou a Academia diversas licenças. De modo que é possível destacar sobre seu tempo como docente, o fato de:

---

[52]M. Zaccara. Op. Cit., pg. 79.

> No Brasil, o ministro se informou junto ao diretor da Academia Imperial de Belas Artes, sobre o tempo de serviço de Pedro Américo naquele estabelecimento. O diretor informou que "o Dr. Pedro Américo de Figueiredo e Mello havia trabalhado como professor quatro anos e quatro meses,", ou seja: em 16 anos de Academia ele havia trabalhado efetivamente quatro anos e quatro meses como professor." (ZACCARA, 2011, pg. 138).

A citação demonstra não apenas que havia um desinteresse pelo cargo de professor da Academia, mais que Pedro Américo não enxergava o Brasil como sua morada. Ao longo de sua vida retornou diversas vezes à Europa para executar seus quadros. As licenças vieram a ser renovadas à medida que solicitava, quase que de forma natural. A justificativa muitas vezes estava ligada a questão da sua saúde, que era fragilizada e se agrava no Brasil.[53] Mais uma vez o favorecimento e a proteção por parte da sua teia de relações. Possivelmente a figura dele no estrangeiro, construindo ramificações era a intenção política do Imperador. Manter um elo, uma ponte do Brasil com os outros países através da figura de Pedro. Quando Zaccara (2011, pg. 137) cita que ele tinha se transformado em um europeu. Talvez tenha ligação com o fato de que ele enxergava o Brasil como um local para negociações, consolidação de carreira, mas não como morada. Ao longo da sua vida o caminho Europa/Brasil foi feito por ele diversas vezes. Muitos dos seus quadros foram produzidos e expostos na Europa primeiro. Reafirmando o que foi dito anteriormente.

Além dos quadros, também elaborou textos literários e de história, a exemplo de: Holocausto (romance filosófico de caráter e costumes, Florença, 1882); Amor D'Esposo (romance, Florença, 1886); O Brado do Ypiranga (Florença, 1888); O Foragido (romance, Paris, 1889).[54] Suas inclinações literárias perpassavam por: "[...] história da arte, tratados científicos, romances açucarados e algumas poesias [...]." (ZACCARA, 2011, pg. 149). Dedicou-se a buscar um equilíbrio entre seus interesses intelectuais. No campo da pintura alcançou a fama e o reconhecimento como pintor do Império. Construindo nesse tempo uma carreira que deixou um número significativo de quadros para contar sua trajetória. A ciência e a arte muitas vezes se encontravam, é possível ver influências de ambas em seus trabalhos. Quando

---

[53]ALMEIDA, Horácio de. Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. Campina Grande, EDUEPB. João Pessoa, União Editora, 2013, pg. 82.

[54]OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. Um Millionario de Glorias: noticia biographica sobre Pedro Americo. In: FIGUEIREDO, Pedro Américo de. O Foragido. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889, pg. IV.

ocorreu a queda da Monarquia brasileira no ano de 1889, Pedro Américo não se encontrava no Brasil. No relato do seu genro e biografo, temos o seguinte:

> Não devemos deixar no silencio que a noticia da quéda de D. Pedro de Alcantara causou em Pedro Americo – coração immaculado, onde não se abriga a ingratidão – uma indizível angustia; não pelo advento da Republica, regimen politico conforme á sua índole, educação e opiniões peculiares; mas por ver o seu velho amigo obrigado a trocar os esplendores da purpura imperial pelas tristezas do exilio. (OLIVEIRA, 1889, pg. XLV).

A queda do império vai ser o momento em que todo o favorecimento e proteção recebida pelo pintor e autor vai ser devolvido a família real. A questão da preocupação acaba ganhando um teor mais significativo, depois que a vislumbramos com os olhos de Grahan (1997). Desde sua convivência com D. Pedro II e sua família até as atitudes que toma após a mudança política. Resolveu voltar ao Brasil. Então se aposentou da cadeira que ocupava na Academia. Quando proclamada a República no Brasil resolve enredar-se por um novo caminho. Se valendo da cobertura que a imprensa republicana tinha feito dele durante sua trajetória bem sucedida, se candidata a deputado. O seu nome era não apenas conhecido, alcançou um peso e um poder dentro da sociedade. Concorreu e conseguiu o lugar de deputado. Foi ouvido no Congresso Constituinte, mas pouco concretizou de seus projetos. Suas ideias acabavam por se distanciar do ambiente das discussões que ali se davam.

Ao fim no mandato, não querendo uma reeleição retorna para a Itália. Lá permanece fazendo trabalhos para o governo brasileiro. Manteve-se sempre ligado a sua arte, nesse período se dedicou a produção de telas, com as mais diversas temáticas. Ao longo de sua trajetória, enxergarmos que existia perseverança. Mas também tinha uma trama de "amigos" muito bem articulada em favor dos seus interesses. No dia 7 de outubro de 1905, Pedro Américo de Figueiredo e Melo veio a falecer na cidade de Florença, com a idade de 62 anos. Como seu último desejo, seu corpo devia ser sepultado na cidade de Areia, lugar em que nasceu. Após os preparativos de embalsamamento, seu corpo foi enviado para o Brasil. Desembarcou no Rio de Janeiro, onde ficou exposto durante alguns dias na Escola de Belas Artes. Logo depois veio para a Paraíba. Quando chegou ao Porto de Cabedelo, foi recebido por uma comissão composta por: Instituto Histórico, representantes do presidente do Estado da Paraíba, sociedade culturais, algumas autoridades e pessoas "gradas" a espera do corpo.

O cortejo fúnebre se encaminhou para a catedral, onde permaneceu até o dia seguinte. Seu sepultamento foi feito no cemitério da capital da Paraíba. Seu corpo chegou à Paraíba no dia 28 de abril de 1906 e foi sepultado no dia 29 de abril data de seu nascimento. "A cidade de Areia, porém não esqueceu seu garoto prodígio." (ZACCARA *apud* ALMEIDA, 2013, pg. 26) Seu corpo foi exumado e o fizeram retornar à terra natal. No dia 29 de abril de 1943 seus restos mortais foram colocados num Mausoléu. Que está localizado no Cemitério São Miguel, na Rua Manuel da Silva, na cidade de Areia – PB. Chama a atenção o estilo moderno e singelo da construção. Uma placa traz escrita a data do seu nascimento (29/04/1843) e a data do seu centenário 29 de abril de 1943, aliado aos dizeres – "Pedro Américo Potente Engenheiro da Pintura Passagem do Primeiro Centenário do Seu Nascimento". Na outra extremidade do Mausoléu possui a efígie de seu rosto. Concluindo a composição temos um palheta com pincéis e um obelisco que o destaca dentre as outras construções.

CAPÍTULO III – "AOS MEUS COMPATRIOTAS": A IDEIA CIENTÍFICA PRODUZIDA POR PEDRO AMÉRICO.

No ano de 1869, o Dr. Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), produz um trabalho de cunho filosófico. A fim de obter o grau de professor doutor adjunto, da Universidade Livre de Bruxelas. Antes de discutirmos as ideias que o autor produz em sua tese, precisamos conhecer um pouco sobre o trabalho que dará corpo as nossas discussões. A sua produção foi defendia com o título de *"De la Liberté, de la Méthode et de l'Esprit de systeme dans l'etude de la Nature"*. Posteriormente recebe o título de *"La Science et les Systemes, questions d'histoire et de philosophie naturelle"* (A ciência e os sistemas: questões de história e de filosofia natural). Como forma de fazer uma síntese sobre a obra, definimos que seu estudo gira em torno do campo científico. Utilizando as palavras do seu genro e biógrafo Oliveira (1889), Pedro Américo estudou as escolas positivistas e materialistas alemãs. Trabalhando os métodos que os filósofos se valeram em suas ciências.

Discorrendo sobre o materialismo de Comte, o empirismo de Bacon, o criticismo de Kant, o fisiologismo de Cabanis, origens comuns do positivismo ateu dos socialistas. (Oliveira *apud* Melo, 1999, pg. Ix). Associando suas críticas à arte e ao seu lado de cientista naturalista. Expondo que a ciência obteria a liberdade através das produções artísticas. Não se pode desvincular em sua totalidade o pintor do cientista. O que é perceptível, nas passagens em que o autor, enaltece as produções de Michelangelo, Leonardo da Vinci e as produções da Grécia antiga. Afirmando que os projetos executados por esse nomes se tornaram referências de uma época bem como ultrapassaram gerações sem perder seu valor. O que expõe muito sobre a sua visão de ciência. Pedro Américo (1999) ainda trabalha com o processo de formação neoclássica, calcados na exigência renascentista.

Ele se vale dos filósofos e cientistas como: Aristóteles, Copérnico, Galileu, Descartes e Isaac Newton. A presença desses autores na sua tese serve como parâmetro para afirmar sua ideia de que a razão devia ser o principal foco na ciência. Para isso, utilizou teóricos que criaram teorias ligadas a: matemática, física, astronomia e química. Esses mesmos nomes definiram seus trabalhos através do método de observação. Construindo não apenas as teorias, mas também expressando a cientificidade com desenhos que detalhavam suas ideias.

Visualizando que o método de observação, precisava de uma racionalidade para colocá-lo no eixo da atividade científica.

Isto posto, conseguimos ter uma visão do conteúdo abordado por Pedro Américo (1999) em sua obra. Tal como, podemos perceber sua ligação com as teorias do racionalismo. Um ramo da filosofia que considera a razão como independente da experiência sensível. Suas definições visam mostrar a força da razão. A obra encontra-se dividia em 4 capítulos, cada um objetiva mostrar um método. No primeiro capítulo, o autor avalia a experimentação e a observação. Baseando sua análise na antiguidade grega, idade média, renascimento e ciência moderna. No segundo capítulo, delimita a liberdade intelectual. Mostrando a maneira que Leonardo da Vinci e Michelangelo trabalharam seus projetos. De forma que, a liberação da arte ocasionou a liberdade da ciência.

No capítulo seguinte, traz o foco para o método científico. Reafirmando de que forma a arte desenvolvida a partir do estudo da observação transformou-se em ciência. Fundado nos estudos de Copérnico e Galileu que sofreram com as pressões da época e de dos inquisidores que não entendiam suas teorias. Ele ainda mostra, o método desenvolvido por Descartes sobre o conhecimento da razão. E expõe a técnica que Isaac Newton desenvolveu. O último capítulo, examina as contradições dos sistemas exclusivos, principalmente do materialismo. Além de avaliar a questão das hipóteses diante do método. Discutindo a razão frente ao empirismo e o ceticismo. O trabalho mostra sua familiaridade com os ramos filosóficos que debate. E que, no período de produção da tese estavam em moda na Europa. Ao mesmo tempo, que articula com a situação vivenciada pelo Brasil no século XIX.

Na nota de abertura de sua tese, o autor faz uma declaração aos seus compatriotas. Com a intenção de esclarecer o motivo de não publicar a tese no Brasil. Expondo que:

> Se este livro tivesse sido escrito no Brasil, faltar-lhe-ia certamente cor local, pois nenhuma das questões que eu abordo com alguns desenvolvimentos é tratada aqui sob um ponto de vista nacional; por isso, quem o lesse sem pensar nesse fato – que a situação moral e intelectual da Europa difere bastante da nossa -, o acharia, sob muitos aspectos, algo vazio e sem sentido. (MELO, 1999, pg. 3).

No trecho o autor reconhece que a sociedade brasileira era diferente da Europa. Definindo que o Brasil não traria a cor necessária para seu debate. Mas que cor seria essa? Como vimos no primeiro capítulo, à sociedade brasileira estava formulando ideias que construíssem a identidade nacional. As teorias que guiavam

os passos dos intelectuais brasileiros passavam pelo positivismo, embasada na ciência natural. Estava se formando um campo científico brasileiro, que destoava do campo por ele conhecido. Conseguimos notar que suas críticas, se estendem a toda a construção de ideias que a elite intelectual estava desenvolvendo na sociedade brasileira. Ao dizer a questão da cor, seria sua forma de se posicionar contrário as ideias baseadas no campo social. E que ganhavam terreno no Brasil. O positivismo baseava-se na experiência e na observação, particularmente nas observações sensíveis.

Colocando em foco a natureza e o homem. Através desses fatores seria possível determinar as leis que a regem. O que acabou excluindo a metafísica do ponto central do estudo. Esses preceitos eram vistos por Pedro Américo como "prender" a ciência. Como já foi mencionado, o rompimento com a ciência clássica e os velhos moldes propostos pelos cientistas ligados as teorias de Comte, Darwin, Spencer, etc. O ideário produzido com base nesses teóricos, visualizava um rompimento com os canônes sociais; pregando um novo sistema. Trazendo uma ampliação do campo científico, desenvolvendo: política científica, física social e uma filosofia da história. Ramos que digladiavam com o ambiente intelectual que Pedro Américo era produto e se valia. O desenvolvimento de teorias acaba por estabelecer um novo sistema, doutrina, política, etc., com intenção de firmar interesses. Se olharmos para o momento que o Brasil estava passando no século XIX, conseguiremos entender o receio de Américo (1999).

Pois, uma ciência em que se pregava um novo modelo político, um novo sistema doutrinário e ia de encontro com parte da organização social brasileira. Significava que o ambiente de que ele era produto e se valia, estava em risco. Esse seu posicionamento frente a ideias que o Brasil recebia, pode ser percebido no trecho:

> [...] nossa pátria nunca assistiu essas lutas do fanatismo contra a liberdade, das quais o ilustre Alexandre Herculano nos descreve quadros tão comoventes em sua *História do estabelecimento da inquisição em Portugal* e das quais os sábios *Discursos acadêmicos* de Varnhagen poderiam dar-nos idéia exata; da mesma forma, ela jamais experimentou a ação dissolvente do *materialismo* positivista, ao qual a Europa serve de palco atualmente, a despeito de sua profunda experiência, depois de tantas tentativas funestas para obscurecer ou derrubar o que a história e a filosofia estabeleceram para a glória do homem e do gênero humano – a razão e a liberdade. (MELLO, 1999, pg. 3-4, grifos do autor).

Nas suas palavras, é possível perceber a ênfase quanto ao Brasil não ter recebido o materialismo positivista. Sabemos através do debate estabelecido no capitulo I, deste trabalho, que estas teorias já permeavam as ideias da *intelligentsia* brasileira. Concebendo a visão das "ideias fora do lugar". Que as concepções proposta por parte dos cientistas ligados ao campo da ciência social, não caberia no Brasil. Contrapondo esta sua colocação, temos o autor Silvio Romero (1878), mostrando que:

> Sim este paiz não foi ainda, senão em mui diminuta escala, agredido pelo materialismo positivista, o que é uma felicidade aos olhos do nosso autor; mas, em desabono seu, vive triturado pelo materialismo moral, o materialismo dos costumes, cuja expressão mais hedionda são as scenas torpes de nossa escravidão; vive minado pelo materialismo social, o materialismo civil, cuja degradante effigie se estampa nas scenas de piratagem de nossa politica!.. (ROMERO, 1878, pg. 4-5).

No trecho, a atitude de Pedro Américo é criticada, chamando atenção do leitor para o fato dos outros fenômenos que a sociedade brasileira enfrentava. Destacando costumes, moral, civil e a escravidão. Fatores que o nosso autor Américo (1999), deixa de lado. Mas, a motivação de tal atitude, deve-se ao fato de que o ilustre intelectual se valia da estrutura social que estava enraizada no Brasil. Bem como, das relações de favorecimento e patronagem, ligadas aos costumes sociais. O que nos leva a crer, que sua ação está ligada ao fato de não se indispor com aqueles que formam a sua clientela. Mesmo o intelectual Silvio Romero tecendo críticas sobre a atitude de Pedro Américo, ele também era produto do mesmo meio sócio-político oligárquico. Expondo que sem a estrutura social das oligarquias, nenhum dos dois teria posição intelectual para apresentar sua oposição. Ambos possuíam um teia de relações que não desejava se indispor. No caso de Pedro era principalmente o Imperador.

Contrariar a face pública do governo, significaria que poderia perder as regalias e seu posto no campo intelectual. A elite intelectual brasileira estava produzindo um cenário ideário que chocava-se com a imagem de D. Pedro II. Fator que pesava sobre as palavras expostas por Pedro Américo de Figueiredo, na sua tese. Sua posição contrária ao cenário de ideias que o Brasil estava recebendo e desenvolvendo, ia além da simples discordância de pensamento. Existia influência de toda uma trajetória histórica do clientelismo, que se enraizava com sua formação intelectual. Se olharmos para as ideias, como eixos que se firmam a fim de

consolidar uma visão. Temos o reconhecimento proposto por Ricardo de Oliveira Silva (2015), de elas são o motor transformador da realidade.

Esse campo que estava se formando no Brasil, que tinha se firmado na Europa e que o próprio Américo (1999) estava determinando em sua tese, tem haver com as cosmovisões (SANT'ANNA *apud* MARX, 2010, pg. 16). Que vai ser delineada como:

> [...] *o produto do relacionamento explicativo do encéfalo individual ou coletivo com o meio ambiente, ao longo de um processo que tem, no começo, algumas imagens e conceitos descobridores e classificadores que, depois, se ordenaram gerando explicações e teorias; no fim, tornam-se crenças e critérios de certo e de errado e chave para previsões (...)* (GREGORI, 1988:18 *apud* MARX, 2010, pg. 16 grifo do autor).

Dentro dessa ótica a "visão de mundo" é produzida de acordo com fatores externos e internos. Que por fim, vão determinar um método a ser seguido. Constituindo a ideologia, que seria para Marx (2010), um conjunto de proposições desenvolvido, na sociedade burguesa, com o intuito de fazer apresentar os interesses da classe dominante com o interesse comum, construindo uma hegemonia daquela classe. Tornando-se um instrumento de reprodução do status e da própria sociedade. O ambiente de construção é nas produções dos intelectuais e nas Academias, se consolidando nas instituições e difundida por uma imprensa especializada. Analisando as construções teóricas que se desenvolviam no Brasil no período do XIX, notamos tais características apresentadas por Marx (2010). Produzindo ideias para dominar as relações de produção e de classe.

Perante o desenvolvimento do cenário ideário brasileiro, quebrava com a construção do eixo que alicerçava a produção intelectual de Pedro Américo. Devemos lembrar que, apesar de ser considerado por Zaccara (2011), um europeu e não mais um brasileiro. Suas conexões e campo de produção intelectual eram no território brasileiro, para a sociedade brasileira. O movimento intelectual oitocentista ameaçava seu campo de ação intelectual. Significando a perda de espaço, de influência dentro das relações sócio-políticas. Como foi mostrado no capítulo anterior, sua vida, trajetória e formação estavam interligadas a uma aristocracia. A quebra com toda uma ideologia antiga refletia em suas regalias, seu cargo na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro e sua carreira de pintor do Império. A sua proposta de ideias se encaminha sob a base de que o meio social e o homem

não podem interferir nas bases científicas. Contrariando o alicerce das ciências sociais.

Declarando em alguns trechos, que as doutrinas ligadas a uma ciência mais social não poderia alcançar o teor de cientificidade. Uma dessas passagens, o autor expõe que:

> A pretensão de certas doutrinas dogmáticas de serem superiores a todo exame põe-nas por isso mesmo fora do círculo de nossa atividade intelectual; por conseguinte, essas doutrinas não têm cientificamente nenhum direito de invocar a seu favor verdades que elas preconizam e que, em sua maioria, desaparecem no contato com a razão. (MELO, 1999, pg. 7).

O Melo (1999), mostra diretamente que não concorda com as teorias de: Comte, Bacon e Spencer; por terem se favorecido dos métodos de uma ciência clássica para estabelecer sua construção de ideias. De acordo com os seus princípios do racionalismo, não podia ocorrer uma nova ciência. Construir ideias sobre política, sociedade e relações sociais deixavam de lado a Razão. Que para ele, era um sacrilégio destes teóricos, utilizar a experiência, a observação e a leis da ciência natural na formulação de teorias que se adaptavam, mudavam e podiam ser contestadas. Pedro Américo temia que a física social, proposta por Comte, viesse a desencadear uma situação intelectual e sócio-política parecida com a europeia. A Europa possuía em sua base os pensamentos de: racionalismo, nacionalismo, liberalismo, individualismo e a busca desenfreada do lucro. (VASCONCELOS, 2016, pg. 50-51). Princípios que colocaram o pensamento capitalista em ascensão.

Não apenas ascendeu um novo pensamento, consequentemente um novo sistema. Mas também guiou o pensamento da burguesia no avanço social. Consolidando sua doutrina como imagem da sociedade europeia. O entendimento intelectual tornou as teorias plausíveis e aceitáveis dentro do meio social. Apesar de Melo (1999), idealizando as teorias de cunho positivista não infiltrassem no território e no pensamento intelectual brasileiro o que já estava acontecendo, segundo Ortiz (2012). É possível, enxergar traços delas nas produções da *intelligentsia* brasileira.[55] As ondas revolucionárias sofridas pela sociedade europeia, desencadeavam na elite brasileira um grau de desconfiança do absolutismo monárquico. (COSTA, 2007). Fator que guiava a construção do pensamento da oligarquia intelectual do Brasil.

[55]Cf. R. Ortiz, 2012.

Um cenário que colocava em risco a estrutura que o nosso autor consolidou sua carreira. Um dos motivos pelo qual ele é contrário a todo pensamento científico que invista num lado político e a relação do homem com o meio social. Chegando a declarar guerra, como notamos nos trechos:

> No sentido positivo e material da palavra, a observação e a experimentação seriam duas operações perfeitamente inúteis à ciência, eu diria mais, perfeitamente impraticáveis. (MELO, 1999, pg. 11).
>
> Fiel ao método experimental ou de observação externa, porque somos naturalista, não nos arrogamos de modo algum o direito de declarar guerra a outras ciências, alegando que os fatos de que ela tratam escapam ao alcance de nosso método; pois, essa circunstância é uma razão a mais para reconhecer a autonomia e a utilidade dessas ciências. (MELO, 1999, pg. 12).

Reafirmando sua posição contrária, a constituição desse campo intelectual, que visava utilizar os métodos da ciência natural para responder questionamentos do meio social. Indo de encontro com a visão formulada pelas teorias: positivistas, spencerismo e do darwinismo. Nas quais, observar a natureza e entender que o meio natural é regido por leis físicas, guiaria a entender que o meio social também é regido por leis físicas. Quebrando com o paradigma de abstração, idealizado por Pedro Américo. Que dentro do contexto que nos propomos a estudar, no caso o brasileiro do século XIX, seria insustentável. Seu racionalismo abstrato, que vislumbrava uma ciência independente do meio social, não sustentava-se na conjuntura do Brasil. Pois, os intelectuais estavam ligados a uma rede de patronagem. Os produtores das ideias brasileiras se encontravam ligados ao comércio e a política. O que os leva a produzir ideias que consolidassem um sistema que favorecesse seus interesses.

Logo, sua apreciação caminha sobre a ótica de que as ideias se bastam. Parafraseando suas palavras, colocar a filosofia e a arte a serviço da política e lança-las em detrimento. (MELO, 1999, pg. 18-20). Demonstrando que, as produções científicas não podem ser relacionadas com o homem social. A ciência precisaria ser isenta das relações historicamente construídas. Seria como definir que o campo científico é fixo. Reforçando sua problemática, valendo-se da filosofia metafísica - grega, medieval e moderna, para afirmar que as ideias são autônomas, desligadas da realidade e da prática social. Que estas, são conceitos eternos, imutáveis, universais e livres do cerco social. Ao direcionar os parâmetros para o campo social, como proposto por essas novas teorias, os conceitos passavam a

acompanhar as mudanças nas relações históricas homem/meio. Ou seja, seriam adaptáveis, contendo um prisma que poderia ser contestado ao longo do tempo.

Toda a imaterialização pregada por Melo (1999), relaciona-se com sua trajetória intelectual construída no Brasil. Assim como os cargos que o autor ocupava do governo imperial.[56] O movimento intelectual brasileiro, baseado nos teóricos alvos de suas críticas, num momento de construção nacional chocava-se com seus interesses pessoais e de seus aliados. Já que o autor desempenhava um papel, que podia ser comparado a um embaixador do Brasil no estrangeiro.[57] Ao defender a arte, a ciência racional e abstrata, seu alicerce estaria seguro. Ainda firmava sua posição de que a arte produzida pelas sociedades, não foi utilizada como instrumento de reprodução do status. Ratificado no trecho:

> [...] mas a grandeza da arte repousava sobre dados que se devem reconhecer em todas as épocas, dados positivos, impessoais observáveis; a grandeza da filosofia natural, ao contrário, repousava quase inteira sobre um ideal subjetivo, móvel e mutável. Os sistemas de Platão e Aristóteles apresentam um lado positivo, científico e de um caráter geral e impessoal; mas o que faz sua originalidade e encanto reside, antes no conjunto das visões poéticas de um caráter particular e individual; de maneira que, dissecados pela análise, ele nos parecem magros e insignificantes, enquanto a arte de Policleto e de Fídias conservará, para todas as épocas de luz, suas antigas e majestosas proporções. (MELLO, 1999, pg. 25).

Sua reflexão sobre o campo da arte, principalmente, liga-se com a base do romantismo que o autor prezava. Que o ideário desenvolvido pela arte, estava preocupado com construir, revelar e consolidar uma matéria histórica e um mito-poética. Estas características deveriam ser levadas em consideração no desenvolvimento de uma identidade brasileira. Só assim, na sua visão, o país construiria uma unidade histórica-espiritual de uma nação. O que nos faz crer em um receio da sua parte de perder o prestígio que tinha alcançado no meio da *intelligentsia.* Além de relatar o fato da abstração e da lógica. Segundo Marx (*apud* ZANELLA, 2004, pg. 13), os teóricos ligados ao eixo da abstração, entendiam que ao se afastarem progressivamente dos objetos, se aproximam e os penetram. Para eles, tudo que existe na terra, pode ser reduzido, à força da abstração, a uma categoria lógica.[58] O que acabava sendo contraposto principalmente pelo

---

[56]Cf. D. MELLO JÚNIOR, 1983.
[57]Cf. M. ZACCARA, 2011.
[58]Cf. ZANELLA, José Luiz. A crítica de Max e Engels ao domínio das idéias: a ideologia. Revista Faz Ciência, 2004. 11-27p.

positivismo, quando a teoria visava uma reorganização da sociedade cientificamente.

Melo (1999), vai construindo seu eixo argumentativo de que o conhecimento precisava ser unicamente e integralmente assentado na razão. A mente humana seria, na base do racionalismo, o único instrumento capaz de chegar à verdade. Rejeitando a experiência sensorial. Considerando-a um princípio de erros e confusões na realidade complexa do mundo. Indo de encontro com as ideias que se desenvolvidas no Brasil, no século XIX. Que traziam para o foco a busca por quebrar todo um sistema político, econômico e social. A autora Costa (2007), mostra na sua análise que a elite intelectual formulava um discurso nacional buscando a modernização do cenário brasileiro. Essa reforma sócio-política propagada pelos "homens da ciência" ia de encontro com o contexto que Pedro Américo estava habituado intelectualmente e historicamente. Mesmo que a mudança proposta não atingisse a divisão de classe em detrimento do povo. Mexia no eixo político, que era seu principal agenciador.[59]

Por sua vez, preocupava-se com a suas relações clientelistas. Apesar de escrever em Bruxelas, seu campo intelectual e de relações sociais estava no Brasil. Romero (1878, pg. 58), na sua crítica sobre a tese, questiona o posicionamento do autor sobre a razão. Dizendo que experiência sem raciocínio e raciocínio sem experiência nada são e para nada servem. Contrapondo a visão da ciência clássica que Melo (1999) aponta no seu trabalho. Bastante ligada aos eixos da física, química, da matemática, astronomia. Chegando a expressar que a arte juntamente com a ciência seria a maneira de fundar o progresso. Definindo:

> [...] que arte, incompreendida pela autoridade, pôde fundar, sob os próprios olhos desta, o espírito de liberdade sem o qual o progresso da ciência seria impossível; que alguns grandes homens mostraram por seu exemplo que, mesmo na arte, em que a imaginação é livre, nenhuma obra durável pode ser realizada, contrariando a observação; que o tipo humano, independentemente de qualquer nacionalidade, acha-se fixado no mármore e reabilitado em sua beleza física em sua expressão moral; que a Idade Média, sem mais razão de ser na arte, deve abdicar em favor do espírito moderno; que tais revoluções podem, enfim, acontecer sem nenhuma gota de sangue nem violência.(MELLO, 1999, pg.45).

Ratificando não apenas a racionalidade, mas definindo que o meio de se fazer uma revolução é através da Razão. Principalmente nas produções de arte, por serem perpetuadas e o homem conseguir se reconhecer. O que nos leva a pensar

[59]Para melhor compreender o favorecimento recebido por Pedro Américo de Figueiredo e Melo, pelo governo Cf. M. ZACCARA, 2011.

que o nosso autor, visualizava uma criação identitária original e única para o Brasil, a partir da produção artística. Só assim, a imagem do país seria passada pelos séculos de forma imutável. A ótica que ele defende pode ser entendida como uma defesa do seu cargo dentro da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, suas relações no campo intelectual e seu posto de pintor.[60] Sua produção artística não estava isenta, impessoal e longe da relação do meio social. Servindo como reprodução de um status social, ligado aos interesses do governo imperial e das oligarquias. Confirmando o que Marx e Engels (2010) mostram, as relações sociais fazem o homem e sua produção. Não se pode desvincular as ideias da sociedade e sua construção histórica. A ligação entre estrutura social, Estado e consciência (ideias) é vista como:

> A conexão da estrutura social e política com a produção. A estrutura social e o Estado decorrem constantemente do processo de vida de determinados indivíduos; mas destes indivíduos não como eles poderão parecer na sua própria representação ou na de outros, mas como eles são realmente, ou seja, como agem, como produzem materialmente, como trabalham, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem de sua vontade. (Marx e Engels, 1984, p. 21 *apud* ZANELLA, 2004, pg. 15).

Justificando o fato, de que as ideias são fruto de todo uma conexão, que transmitem a imagem de uma parcela de indivíduos. Ao pregar que somente a Razão seria capaz de sustentar o mundo e que ela é infalível. Bem como, a arte e a ciência constroem representações e teorias isentas. Não se sustenta frente à visão estabelecida na citação anterior. Na visão crítica do autor Silvio Romero (1878, pg. 50-60), Américo trata a razão como uma coisa, equiparando-a ao cristianismo, que tudo justifica e tudo combate. Melo (1999), caminha sob a ótica de que a razão foi colocada de lado quando se constitui uma ciência que analisa e sugere leis sobre política, economia e as relações do homem social. Ele expressa que:

> Ora, se há no mundo uma situação contraditória do pensamento, um estado inexplicável da consciência, é a do sábio que acredita ser juiz das opiniões dos outros, negando ao mesmo tempo a razão. Nenhuma desarmonia me parece mais completa, nenhuma discórdia mais profunda, mais estranha, mais dolorosa. Ora essa! O Sr. que desvendou os segredos do mundo sensível, elevando-se acima dos fatos passageiros, contingentes e fugitivos, os fenômenos, para o fato imóvel e necessário, a lei, o Sr. só possui sentidos! A natureza jogou a seus pés seus tesouros incomparáveis, suas

[60]Salientamos que no período em que Pedro Américo de Figueiredo e Melo escreveu a tese ele ainda não estava no posto de grande pintor. Ainda não tinha produzido as grandes obras sobre os marcos históricos do Brasil. Apenas em 1871 é que ele alcança esse lugar de pintor do Império, ao retrata a Batalha do Campo Grande.

> criações inumeráveis, tudo confusamente, sem ordem, sem harmonia, sem unidade: o Sr. separou, agrupou, classificou, rejeitou, escolheu, julgou e o Sr. nega a faculdade soberana que separa, classifica, julga e escolhe! Muito mais: a verdade estava escondida e o Sr. foi achá-la e torná-la palpável por meio da demonstração; preso à Terra, gota resfriada que gira em torno de um faísca, raquítico como um ponto, o Sr. criou o telescópio e passeou os seus olhos ávidos de ciência nas profundezas dos espaços ilimitados; vítima da ilusão de seus olhos, o Sr. criou a matemática, ciência da certeza, e calculou sua ilusão ; espectador de um instante, o Sr. suprime os séculos, desmente a sucessão dos fatos e vai contemplar, pela imaginação, a formação dos sistemas e a ruína dos mundos, a combinação e o movimento primitivo dos átomos, a separação das massas, a formação dos globos, o levantamento das montanhas, o aparecimento da vida e a transformação dos organismos! Na verdade, o Sr. não é menos incompreensível que Fídias ou Milton, se eles tivessem aformado que o homem não tem imaginação; o Sr. o é tanto quanto um juiz que negasse sua própria consciência. (MELO, 1999, pg. 89-90).

Resumidamente, seu posicionamento é de que os métodos da ciência clássica estavam sendo colocados em detrimento pelas teorias positivistas, materialista, dawrvinista e pelo spencerismo. Ao tentar calcular as relações que formavam a sociedade. O homem quanto ser histórico e produto das suas relações materiais, não interferiria na sua consciência. Por consequência na sua produção de ideias. Para ele o homem não era um ser natural social. Seu ponto de vista, não acreditava ser possível responder questões sociais, políticas e humanas através de uma ciência. Caso estes sistemas e teorias se firmassem não mereceriam o teor científico. Porque assim como a filosofia, suas construções não se firmam. Seu prisma não pode ser repassado na sua totalidade. Percebemos este questionamento quando lemos o trecho: "Descartes pode ser considerado como geômetra ou como filósofo; mas é a matemática que constitui hoje a parte mais sólida e menos contestada de sua glória." (MELO, 1999, pg. 74).

As críticas se estendem ao materialismo também, no qual o autor expõe:

> Não acreditamos, pois, no estabelecimento definitivo do materialismo, quaisquer que sejam, aliás, os progressos das ciências naturais. Somente as verdades certas marcam para o espírito humano um estado de harmonia perfeita e de repouso definitivo. O materialismo é uma doutrina positiva e uma ciência, enquanto afirma a existência da matéria e as propriedades suscetíveis de serem constatadas pela experiência; negativa e não científica enquanto nega a existência da alma e fere as ciências racionais. Por seu lado científico, ele reviverá mil vezes na História; por seu lado hipotético, ao contrário, ele será sempre vulnerável e nunca ficará de pé. (MELO, 1999, pg. 93).

Definindo ainda, mais para frente da sua análise, que a filosofia professada pelos materialistas é desesperada. Por afirmarem questões que não podem provar. Podemos enxergar que sua visão recai sobre as hipóteses e o teor adaptável que as

teorias sociais possuem. Porém, a própria construção produzida pela ciência racional e a arte defendidos pelo nosso autor, estão em movimento dentro da sociedade. E estão suscetíveis a críticas, modificações, releituras. As ideias estão em constante movimento, seguindo a relação que Marx e Engels (2010) nos mostram, quanto à relação do homem com sua produção material. As ideias não se sustentam sem o meio social. Na sua perspectiva o materialismo deveria abandonar o título que era ocupado pela filosofia. Assim como, não considerar hipóteses como fatos, nem probabilidades como certeza. Pois um sábio não devia seguir segundo seus gostos e antipatias. (MELO, 1999, pg. 96). Legitimando seu pressuposto, que a abstração é o caminho da verdade.

Por fim, mesmo que o autor defenda a liberdade da científica dos sistemas sociais. A sua própria construção contraria suas colocações. A visão apresentada na sua tese não surgiu do nada, ninguém é solto no mundo. As bases de suas construções intelectuais estão enraizadas nas experiências, na observação e no empirismo vivido por ele. Não apenas no Brasil, mas na Europa também. Parafraseando as palavras de Marx e Engels (2010), Américo é mais um produto das relações materiais. Sem as experiências, a razão e os materiais, a exposição de sua opinião talvez não fosse possível. Podemos dizer que sua tese acabou sendo construída como uma exaltação do governo brasileiro e de si mesmo. E a negação a todos os preceitos que traria um abalo na sua rede de prestígios. Sob o parâmetro de Romero (1878), as produções não são livres em totalidade, nem de vontade livre. Tudo que se constitui, se constitui através de junções entre razão, meio social, indivíduo e temporalidade para transmitirem uma visão da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo que se desenvolveu desde a Introdução até o presente momento foram levantadas hipóteses com o intuito de responder alguns dos anseios que nos propomos. Chegando o momento de compartilharmos nossas últimas reflexões sobre tudo que construímos em cada um dos capítulos. Logo de início, destacamos a relação que o período em que o autor Pedro Américo trilhou sua vida, foi marcado por um momento de mudanças intelectuais. Durante o período do século XIX, não apenas o Brasil recebia as ideias, a Europa passava por processos de mudanças de pensamento. Elas foram determinadas pelas relações sociais, políticas e culturais que o país experimentou. A obra que usamos está ligada a tais experiências por intermeio do seu autor.

O primeiro capítulo nos mostrou as redes que se firmavam. Obtivemos que as ideias brasileiras acabavam por estar relacionada ao campo político. Como explana autora Alonso (2002, pg. 16): "(...) romper as barreiras entre o mundo das idéias e a atividade política". O direcionamento que as ideias se conduziram, estavam ligadas aos eixos e as relações sócio-políticas de uma sociedade escravista. Visando a conservação da hierarquização social, mas modificar as ordens políticas a fim de colocar no cenário novos rostos. Mas no fim tínhamos apenas uma disputa entre famílias (COSTA, 2007).

As ideias se encaminhavam sobre as bases da Europa, a evolução do homem historicamente. Bem como, a questão da liberdade e do liberalismo. Que se constituíram no meio brasileiro, com características distintas. O liberalismo adquiriu o teor das experiências associadas às relações de clientelismo, patronagem e hierarquização social. (COSTA, 2007). Ligamos os debates e as relações que estavam no campo micro, na visão de apenas um indivíduo. E mostramos o panorama macro que estas relações estavam inseridas. Conectando a trajetória de Pedro Américo com o campo histórico que se apresentava no século XIX. Apesar de estar em muitos momentos em terras estrangeiras, possuía relações de trabalho, familiares, amigos e etc., com as terras tropicais brasileiras.

Guiados por esse panorama chegamos ao segundo capítulo. Interagimos com textos que remontam a trajetória do nosso autor que está compreendida entre

1843-1905. Passando de desde o momento em que nasceu e os anos que ficou na sua terra natal Areia, até o momento em que tomou outros rumos. As análises de suas biografias e as relações sociais nos levaram a perceber que sua trajetória pode ser colocada, como mais uma das muitas que se favoreceram do sistema de agenciamento do século XIX. Possibilitando a construção de um eixo desmistificador da imagem de herói e de mito. Podemos dizer que o tratamos como alguém de carne e osso, o homem social por trás da capa mítica.

Mostrando que a vida de um indivíduo, não está desprendida das relações históricas de cunho macro. Bem como, conseguimos situar suas raízes que acabam por definir as experiências e o homem/intelectual que se formou. Compreender o homem por trás da obra, as relações que se inseriu desmistifica a imagem de que apenas o seu talento e suas decisões o levaram ao posto de intelectual. E de que suas ações e decisões são apenas suas. Entendemos que cada biógrafo optou por um caminho que enaltece não apenas o intelecto de Pedro Américo. Mas também a sociedade brasileira, ou a região da Paraíba e de Areia. Mesmo quando tentam desprendê-lo, não é possível porque ele faz parte dos meio sociais em que esteve inserido. Tanto Areia-PB, Rio de Janeiro, Paris e suas experiências no meio do sertão o formam como individuo social.

De posse desses debates, chegamos terceiro capítulo. Em que foi possível conhecer a relação que Pedro Américo estabelecia com as teorias materialistas, positivistas e seu desejo por um racionalismo. Mostrando que a ciência não apenas tinha se libertado através da arte. Pois a arte, os monumentos alcançaram o lugar de atemporais. Demonstrando sua ligação direta com a ciência clássica e racional. Que pregava uma abstração do meio, pois a razão seria o único instrumento de compreensão da verdade. Sua posição revela não apenas isso, mas que o autor receava perder suas regalias e o prestígio intelectual que tinha alcançado no meio brasileiro. As reformas que a elite intelectual propunha abalava a rede clientela do nosso autor. Por isso, impor uma posição contrária ao advento das ideias positivistas, materialistas e darwinistas no campo brasileiro.

Definindo que a forma do Brasil construir uma identidade que se perpetuasse seria através da produção artística. Seria sua forma de defender seu cargo de pintor e se manter de alguma forma no meio intelectual. Percebemos nas

suas palavras um detrimento das ciências sociais, mostrando que esta não poderia ser chamada de ciência. Que não poderia se responder questões políticas, sociais e econômicas com os métodos científicos. Sua intenção nos transmite que o homem como um ser natural e social não cabe dentro da sua análise. Toda a trajetória que o autor galgou, se favorecendo do sistema de clientelismo para obter seu espaço na produção de ideias.

Os debates construídos ao longo deste trabalho mostraram que as ideias são construídas mediante a relação do homem com sua produção material. E que a visão exposta por Pedro Américo, está embuida da sua produção material. Que serviu como meios de apresentação de um status da realidade social. Favorecendo os interesses pessoais dele e de sua rede de clientela. Ou seja, a abstração pregada por ele não se sustenta na sua própria teoria. Pois sua posição na sociedade guiou os passos das teorias que desenvolveu. Caindo dentro dos parâmetros que são alvo de suas críticas. O estudo sobre a conjuntura que encaminharam a trajetória dele nos proporcionou não apenas entender os mecanismos das relações sociais do século XIX, mas também perceber a forma como esse contexto interferiu na construção do seu pensamento.

Pesquisando sobre as ideias produzidas por esse intelectual, conseguimos notar que a sociedade atual caminha sobre os traços das relações sócio-políticas estabelecidas no período do século XIX. Ainda guardamos e executamos a prática do clientelismo, que auxilia e guia a construção das ideias. Discutir sobre a imagem mitificada que foi e é direcionada a Pedro Américo de Figueiredo e Melo nos mostrou as vertentes sociais e políticas que se estabeleceram sobre a vida dele. Possibilitando-nos enxergar o homem social por trás da imagem do mito. Além do seu talento, tenacidade e inteligência, se tinha uma gama de mecanismos sociais que se dispuseram a auxiliar nosso autor na sua jornada para o lugar de destaque. Mostrando tal perspectiva ao leitor ao longo do trabalho, traz a esse momento na qual, expormos o quanto ainda trazemos e cultivamos em nossa sociedade atual práticas e relações sócio-políticas desse período.

Um exemplo dessas práticas é a relação de favores, ainda visível no meio social e político. Demonstrando que continuamos estabelecendo o lugar das pessoas na sociedade através do se pode ganhar com aquele acordo. O presente

trabalho nos revelou não apenas a reflexão sobre as raízes sócio-políticas que ainda trazemos no seio da sociedade. Para pensarmos sobre as ideias construídas foi preciso entender um pouco de quem era Pedro Américo, da sociedade e principalmente do seu lugar de origem. Conseguimos perceber que a cidade de Areia-PB transmitida pelo Horácio de Almeida, no período do século XIX demonstrava uma preocupação em ter sua imagem relacionada com a educação e a cultura. Para isso, desde muito tempo procurou ter seu nome ligado a nomes de intelectuais nas mais distintas áreas do saber.

Além disso, pesquisar sobre a produção intelectual e o próprio autor foi muito além da História das Ideias conseguimos refletir sobre o meio social atual, no nível Brasil e também no nível regional. Pois tratamos de conjunturas como as relações de clientelismo, que ainda encontramos traços de tal prática na nossa sociedade atual. E no caso do regional, pudemos notar que ainda hoje, Areia-PB, transparece o orgulho de ser a terra da cultura, da educação e berço de nomes de destaque no meio intelectual e primeira cidade a abolir a escravidão. Mas devemos nos questionar sobre quais circunstâncias se foi solidificada tal imagem, pois ainda hoje apesar de ter a estigma de terra da cultura e da educação ainda possui um nível de analfabetos. Este trabalho nos fez ter em mente que a história não pode ser passada a cada geração de forma automática deve-se ser questionada, criticada e analisada longe da mitificação.

Enfim, começamos esta caminhada de pesquisa e conhecimento de um nome que durante muito tempo foi colocado a partir da visão de pintor. Olhá-lo sob uma nova perspectiva, abriu um leque de possibilidades a serem explorados. Pudemos mostrar um pouco sobre sua visão de ciência pelos "trilhos" da História das Ideias. Ligando-as com as relações sociais e políticas e sua produção. Que apesar de ter sido escrito em Bruxelas, transparece a carga de experiências dele no Brasil. Aqui conseguimos responder um pequeno questionamento. Ao explorarmos a fonte "A Ciência e os Sistemas, questões de História e Filosofia Natural", notamos que ainda existe muito a ser analisado. Temos consciência de que o presente trabalho é uma das muitas possibilidades. Que muito ficou de fora das análises. Mesmo assim, conseguimos cumprir o nosso objetivo, trazer um olhar novo sobre Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Mostrando uma das obras que o autor escreveu, que se revelou um material rico de problemáticas a serem exploradas.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: A geração 1870 na crise do Brasil – Império.** São Paulo, Paz e Terra. 2002.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia: memórias de um município.** Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1958. Coleção "Vida Brasileira".

_____. **Pedro Américo ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano.** Campina Grande, EDUEPB. João Pessoa, União Editora, 2013.

BARROS, José D'Assunção. História das Idéias – em torno de um domínio historiográfico. **Locus: revista de história,** Juiz de Fora, v. 13, n. 1, 2007, p. 199-209.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CARMO, Viviane Arruda do; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira . Charles Darwin, Alfred Russel Wallace e a seleção natural: um estudo comparativo. **Filosofia e História da Biologia.** v. 1, 2006. p. 335-350. Disponível em: <http://www.abfhib.org/FHB/FHB-01/FHB-v01-20-Viviane-Carmo_Lilian-Martins.pdf>

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à republica: momentos decisivos.** São Paulo, Fundação Editora UNESP. 2007.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva, **Interiorização da metrópole e outros estudos.** São Paulo, Alameda, 2005, p. 161-184.

DOMINGUES, Analéia; SOUZA, Osmar Martins de. O materialismo-histórico: uma nova leitura da foram de ser dos homens. **Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar. IV EPCT - Encontro de produção científica e tecnológica.** Outubro de 2009. Disponível em <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_iv_epct/PDF/ciencias_humanas/10_MARTINS_DOMINGUES.pdf>

GAUDÊNCIO, Francisco de Sales. **Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do Império.** Edusc, São Paulo, 2007.

GODOY, Rosani; THIESEN, Icléia. Formação do Acervo da Academia Imperial de Belas Artes e o Papel das Comissões de Professores. **Informação@Profissões**. Londrina, v. 4, n. 2, p. 20 - 41, jul./dez. 2015. http:www.uel.br/revistas/infoprof/ Disponível em <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/44093>

GRAHAN, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 1, n° 1, 1988. p. 5-27.

HENRY, John. **A revolução científica e as origens da ciência moderna.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã. Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista.** 3ª Reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2010.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema.** São Paulo. HUCITEC; Brasília: INL, 1987.

MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **A ciência e os sistemas: questões de história e de filosofia natural.** João Pessoa, Ed. Universitária/UFPB, 1999. Coleção Nordestina.

MELLO JÚNIOR, Donato. **Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905).** Rio de Janeiro, Pinakotheke. Coleção História da Pintura Brasileira, 1983.

MONCÓVIO, Susana Maria Simões. **Prenda ou Arte? A participação feminina nas Exposições Trienais da Academia Portuense de Belas Artes (1842-1887).** Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Apêndice Iconográfico, v. III, Porto, 2009. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20204/4/mestsusanamoncovioprendavol3000084618.pdf.>

OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. Um Millionario de Glorias: noticia biographica sobre Pedro Americo. In: FIGUEIREDO, Pedro Américo de. **O Foragido**. Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1889. p. X – LII.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** Brasiliense, São Paulo, 2012. P. 148, p. 7-44.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeira isoladas à Era dos grupos escolares na Paraíba.** Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001. 250p. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual Campinas, Campinas-SP, 2001. P. 250.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler; ANANIAS, Mauricéia (Org.). **Histórias da educação brasileira: experiências e peculiaridades.** João Pessoa. Editora UFPB, 2014. P. 87.

ROMERO, Silvio. A Philosophia no Brasil: ensaio critico. Porto Alegre, Tipografia de Deutsche Zeitun, 1878. p. 49-65. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221757>

_____. **Introdução a Doutrina contra doutrina.** São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Rosélia Maria de Sousa dos; SANTOS, José Ozildo dos. O positivismo e sua influência no Brasil. **Revista Brasileira de Filosofia e História.** Pombal - PB, v. 1, n° 1, 2012. p. 55-59. Disponível em: <http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH/article/view/2482>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo, Contexto. 2° Ed. 2009.

SILVA, Ricardo Oliveira da. História das Ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS.** Vol. 7 Nº 13, Julho de 2015. p. 6-26. DOI: http://dx.doi.org/10.14295/rbhcs.v7i13.300 Disponível em <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/300>

SOUTO, Pedro Nicácio. **Areia: uma "aldeia" negra paraibana de fins do século xix e as primeiras décadas do século XX.** Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2015. P. 173. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

VASCONCELOS, Lúcio Flávio.Pedro Américo: As cores do Brasil Imperial. Curitiba, Editora Prismas, 2016. P. 229.

VIEIRA, Carlos Eduardo, **Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual.** Revista Brasileira de História da Educação, v. 8, n° 1, 2008. p. 63-85.

ZACCARA, Madalena. **Pedro Américo: um artista brasileiro do século XIX.** Recife, Editora Universitária UFPE. Coleção História da Pintura Brasileira, 2011. P. 499. + CDROM.

ZANELLA, José Luiz. A crítica de Max e Engels ao domínio das idéias: a ideologia. **Revista Faz Ciência**, 2004. p. 11-27.